



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ANTÔNIO HILÁRIO DA SILVA FILHO

**POESIA MIDIÁTICA DE *BLOGS* LOCAIS: UM DIÁLOGO COM A POESIA DO
MOVIMENTO RORAIMEIRA SOBRE A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO
IDENTITÁRIA DO SUJEITO RORAIMENSE**

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Andrade

**BOA VISTA/RR
2014**

ANTÔNIO HILÁRIO DA SILVA FILHO

**POESIA MIDIÁTICA DE *BLOGS* LOCAIS: UM DIÁLOGO COM A POESIA DO
MOVIMENTO RORAIMEIRA SOBRE A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO
IDENTITÁRIA DO SUJEITO RORAIMENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima - UFRR, para obtenção do título de Mestre em Letras, da área de concentração *Literatura, Artes e Cultura Regional*, sob a orientação do professor Dr. Roberto Carlos de Andrade.

**BOA VISTA/RR
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central Universidade Federal de Roraima

S586p Silva Filho, Antônio Hilário da.
Poesia midiática de blogs locais: um diálogo com a poesia do Movimento Roraimeira sobre a questão da representação identitária do sujeito roraimense / Antônio Hilário da Silva Filho. -- Boa Vista, 2014.
71 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Andrade.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1 – Literatura midiática. 2 – Movimento Roraimeira. 3 – Poesia. 4 – Sujeito. 5 – Identidade. I - Título. II Andrade, Roberto Carlos de (orientador).

CDU – 869.0(81)

ANTÔNIO HILÁRIO DA SILVA FILHO

**POESIA MIDIÁTICA DE *BLOGS* LOCAIS: UM DIÁLOGO COM A POESIA DO
MOVIMENTO RORAIMEIRA SOBRE A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO
IDENTITÁRIA DO SUJEITO RORAIMENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima - UFRR, para obtenção do título de Mestre em Letras, da área de concentração *Literatura, Artes e Cultura Regional*, defendida em 12 de junho de 2014 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^o Dr.^o Roberto Carlos de Andrade
Orientador – PPGL/UFRR

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Valentim Duca Oyama
Membro - PPGL/UFRR

Prof.^a Dr.^a Nildete Silva de Melo
Membro Externo – UERR

Prof.^a. Dr.^a. Carla Monteiro de Souza
Suplente - PPGL/UFRR

Ao Grande Criador Universal, de quem herdamos o gene da criação, e por ter provado que é possível ressuscitar após a noite do calvário, fato este que sempre me deu forças para levantar quando cair, ressurgir das cinzas quando me considerar morto.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que eu gostaria de agradecer por terem contribuído de uma forma ou de outra para que eu concluísse esse trabalho. Gostaria de listar todas aqui, mas devido à limitação de espaço sou obrigado a mencionar apenas algumas e às demais apenas fazer referência indiretamente. Sendo assim quero agradecer imensamente:

À minha mãe **Tereza**, que sempre foi fonte de incentivo, persistência e inspiração para o meu crescimento pessoal, intelectual e profissional.

Ao meu pai **Antônio Hilário** (em memória), por não ter medido esforços para garantir a dignidade da nossa família.

À professora **Cátia Monteiro Wankler**, que com a sua compreensão, sensibilidade, senso de justiça guiou-me na primeira fase desse mestrado quando descii às trevas e fez isso até que eu avistasse a luz no fim do túnel e conseguisse sair da escuridão que me abalou.

À professora **Maria Helena Valentim Duca Oyama**, que quando o meu sonho já estava considerado perdido, com sua sensibilidade e espiritualidade, me fez acreditar que era possível, e deu certo.

Ao professor **Devair** Antonio Fiorotti, pelas ideias que me deu, pelas referências e sites que indicou, enfim, pelo apoio, que foi indispensável.

Ao meu orientador, o professor **Roberto Carlos de Andrade**, por ter me aceitado como orientando e não ter desistido de mim apesar de todos os meus problemas. Ficou profundamente marcado em mim a sua maestria em ministrar as aulas e orientar, bem como o fato de nunca ter me pressionado para concluir o trabalho nem me subestimado. Por ele era uma honra concluir este trabalho.

Às minhas filhas **Bruna**, **Brenda** e **Bianca**, que mesmo antes de elas nascerem tudo o que eu fazia para meu crescimento pessoal e profissional já era em prol delas, para elas e por elas, pois sempre as esperei e são meus tesouros. Então elas foram a força e a inspiração para eu concluir este mestrado. A **Bianca** então que nasceu quando eu terminei o primeiro ano do curso foi a minha grande esperança porque

por ela eu tinha mais um motivo para não parar, para não desistir; inspirei-me no seu crescimento, que era tão lento, imperceptível, mas crescia e se desenvolvia formidavelmente. Ela me fazia pensar: *Eu sou o seu herói, a sua referência, eu não posso desistir, eu tenho que vencer e vencer...* E venci.

À minha esposa **Tânia**, que sempre esteve do meu lado nos momentos mais difíceis da construção desse trabalho, muitas vezes ficando acordada no sofá até de madrugada para que eu não ficasse sozinho no escritório tentando escrever e assim não desistisse. Foi uma força indescritível.

À psicóloga **Márcia**, que quando busquei ajuda emocional para conseguir escrever meu trabalho, foi muito competente e sábia, fazendo-me acreditar que era possível e que eu iria conseguir.

Ao médico **Francisco Farias** cujo tratamento garantiu que eu qualificasse meu projeto de pesquisa, pois com dedicação e perícia médica tratou da minha fadiga mental e física, bem como das tendinites que me assolavam em decorrência do estresse, de maneira que consegui concluir e defender o referido projeto e assim continuar meu trabalho.

À psiquiatra **Ana Karine**, que foi imprescindível para que eu concluísse minha dissertação, pois com o seu tratamento eficaz conseguiu combater o terrível mal de transtorno de ansiedade extrema que me paralisou e impedia de escrever na fase final de elaboração da referida dissertação.

Finalmente, quero agradecer a todos aqueles que me deram apoio moral e espiritual com suas orações, com suas palavras de fé, com a sua amizade verdadeira, a ponto de me visitarem, de ligarem, passarem e-mail preocupados comigo, querendo saber como eu estava, o que estava precisando, me encorajando. A estes também sou eternamente grato, e quero citar senão todos, mas pelo menos alguns deles como **Airton Vieira, Rosiclei Alencar, Fernanda Sousa, Cátia Maria, Íris Anita, Jairzinho Rabelo, Socorro Melo, Maria Lucimar, Maria Georgina, Maria Ivone, Luzineth Martins, Jucimar Vieira, Maria da Conceição, Marinete Barroso...**

RESUMO

As atuais tecnologias midiáticas de comunicação em rede têm proporcionado novas formas de produção, de disseminação e armazenamento de informação, de conhecimento, arte, trazendo novos e contundentes impactos no comportamento e na cultura do homem moderno. Na década de 80 do século passado, iniciou em Roraima o movimento artístico-cultural Roraimeira, reconhecido hoje como o primeiro e grande movimento claramente empenhado em definir os elementos que constituem a identidade cultural do povo roraimense. Com o advento da internet, mais precisamente com a expansão das comunidades virtuais, dá-se início, na primeira década desse século, a uma intensa produção literária de escritores locais em Roraima por meio de *blogs*. Sendo assim, esta pesquisa se dedicou ao estudo da literatura midiática, especificamente à produção poética produzida e difundida em *blogs* de autores locais, a fim de verificar a contribuição dessa literatura para a representação identitária do sujeito local, bem como analisar como ela se articula ou dialoga com a representação identitária presente na literatura local do movimento artístico-cultural Roraimeira, que se deu anteriormente à cultura cibernética. Desta forma, o produto final dessa pesquisa buscou responder esta problemática: Quais os elementos identitários que constituem a representação do sujeito na poesia midiática produzida em Roraima e qual a sua relação com a representação identitária no movimento Roraimeira, considerando o fenômeno da cibercultura e o contexto histórico multicultural de Roraima? Assim, o campo de estudo para a análise da poesia midiática foi composto pelo espaço *on-line* de três *blogs*, mais precisamente **Pô & Cia** (*rmibielli.blogspot.com.br*), do autor Roberto Mibielli; **Sobre Silêncio e Outras Coisas** (*isabella-coutinho.blogspot.com.br*), da autora Isabella Coutinho e **Eli Macuxi, Poesia Pura** (*elimacuxi.blogspot.com.br*), da autora Eli Macuxi. Na busca de respostas para o questionamento da problemática, optamos por utilizar como metodologia a pesquisa bibliográfica e análise literária de natureza qualitativa. Os resultados da pesquisa demonstraram que há um grande deslocamento entre o processo de construção e representação identitária da poesia do movimento Roraimeira e a poesia midiática dos *blogs* analisados. Enquanto a poesia do Roraimeira está nitidamente voltada para a construção da identidade do sujeito local roraimense, a poesia midiática dos *blogs* de escritores locais está mais diretamente filiada aos processos de construção identitária do sujeito contemporâneo universal numa perspectiva individualista e de fragmentação.

Palavras-chave: Literatura Midiática; Roraimeira; Poesia; Sujeito; Identidade.

ABSTRACT

The current media technologies of networked communication have provided new forms of production, dissemination and storage of information, knowledge, art, bringing new and compelling impacts on the behavior and culture of modern man. In the 80s of the last century, began in Roraima the artistic-cultural movement known as Roraimeira, recognized today as the first great movement committed to clearly define the elements that constitute the cultural identity of Roraima people. With the advent of the internet, more precisely with the expansion of cybernetics and network communication, it is initiated in the first decade of this century an intense literary production of local writers in Roraima through a blog. Thus, this research is dedicated to the media literature study, specifically the poetic production produced and circulated in blogs by local authors in order to verify the contribution of this literature to the identity representation of the local subject, as well as analyzing how it articulates or dialogues with the identity representation present in the local literature of the artistic and cultural movement Roraimeira, which occurred before the cyber culture. Thus, the final product of this research pursued to answer the following problematic: Which identity elements that constitute the representation of the subject in the media poetry produced in Roraima and what is its relationship with the identity representation in Roraimeira movement considering the phenomenon of cyber culture and historical context multicultural Roraima ? Thus , the field of study for the analysis of media poetry was composed by three online blogs space, more precisely Pô & Cia (rmibielli.blogspot.com.br) , of the author Roberto Mibielli; **Sobre Silêncio e Outras Coisas** (isabella-coutinho.blogspot.com.br), of the author Isabella Coutinho and Eli Macuxi, **Poesia Pura** (elimacuxi.blogspot.com.br), of the author Eli Macuxi. In the search for answers to the questioning of the problem, we chose to use as methodology the bibliographical research and literary analysis of qualitative nature. The survey results showed that there is a large offset between the process of identity construction and representation of Roraimeira poetry and the media poetry of the analyzed blogs. While the poetry of Roraimeira is clearly focused on the identity construction of the local subject roraimense, the media poetry blogs of local writers is more directly affiliated to the processes of identity construction of the universal contemporary subject in an individualistic perspective and of fragmentation.

Keywords: Media Literature; Roraimeira; Poetry; Subject; Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O CONTEXTO EM QUE SURTIU A LITERATURA MUDIÁTICA.....	17
2. A LITERATURA MUDIÁTICA E SEUS MECANISMOS DE ARTICULAÇÃO IDENTITÁRIA.....	24
2.1 O QUE É LITERATURA MUDIÁTICA.....	25
2.2 A LITERATURA MUDIÁTICA E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	27
3. DIÁLOGO ENTRE O MOVIMENTO RORAIMEIRA E A POESIA MUDIÁTICA DE <i>BLOGS</i> LOCAIS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO.....	33
3.1 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NO MOVIMENTO RORAIMEIRA.....	34
3.2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA POESIA MUDIÁTICA DE <i>BLOGS</i> LOCAIS E O SEU DIÁLOGO COM O RORAIMEIRA.....	40
3.2.1 <i>Blog Pô & Cia</i>	43
3.2.2 <i>Blog Sobre Silêncio e Outras Coisas</i>	56
3.2.3 <i>Blog Eli Macuxi, Poesia Pura</i>	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
5. REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

A literatura sempre entra em pauta quando a questão é a representação do sujeito em determinado tempo e espaço. Isto acontece porque a literatura é um importante mecanismo de articulação identitária para representar o sujeito em relação a seu tempo e seu lugar. Em cada época da nossa civilização, o homem se apropriou de recursos e instrumentos disponíveis para produzir e difundir a arte literária. Primeiro veio a fase da literatura oral, depois a literatura manuscrita, que se estendeu até o fim da Idade Média.

Com a invenção da imprensa no século XV, a literatura se expandiu por meio de livros e outros instrumentos impressos. Naturalmente, com o desenvolvimento de novos instrumentos, surgiu a era das novas tecnologias e, conseqüentemente, da informática, que transformou a vida cotidiana das pessoas. Hoje, a circulação de informação, de conhecimento, de cultura assumiu uma dimensão globalizada; estamos na era da realidade virtual, uma era marcada pelos arrojados processos de produção, difusão e comunicação *on-line*, pelas redes sociais, pela cultura cibernética. Assim, o homem rapidamente se apropriou desse revolucionário processo de produção e difusão global instantânea em redes virtuais para produzir e difundir, também, a literatura: a chamada literatura midiática.

Dentro da inigualável variedade de suportes e veículos que os meios eletrônicos oferecem hoje, a literatura vem se ajustando e se adaptando às novas mídias e, com isso, a literatura local também se apropriou desses novos espaços de produção e difusão da cultura.

Sabemos que a literatura local ganhou mais importância ainda com o fenômeno da globalização cultural, porque ela contribui para a diferenciação identitária do sujeito local dentro da “aldeia global”. Sendo assim, esta pesquisa se dedicou à literatura midiática, especificamente aquela produzida e difundida em *blogs* de escritores locais, a fim de verificar se ela contribui ou não para a representação identitária do sujeito local, bem como analisar como ela se articula ou dialoga com a representação identitária presente na literatura local do movimento artístico-cultural Roraimeira, considerando que a era das novas tecnologias da

comunicação em rede tem rompido com as formas tradicionais de produção, de disseminação e armazenamento de informação, trazendo novos e contundentes impactos no comportamento e na cultura do homem moderno.

Ao compreendermos o *blog* como importante mídia digital, isto é, como canal de comunicação e interação que armazena e difunde mensagens, constituindo assim importante veículo de produção e difusão de conhecimento, nos valem das noções trazidas por Gomes (2011: 236) de que o uso dessa mídia visa estimular os usuários a comentar e interagir. “No blog podem-se colocar textos, fotos, vídeos, ferramentas como *E-fórum*, enquetes entre outros recursos. A vantagem é a facilidade de criar interatividade entre os usuários a baixo custo”.

A importância das novas mídias para esta pesquisa consiste no fato de elas serem o meio pelo qual a literatura tem alargado seu espaço de consumo e se tornando mais acessível à sociedade. Seu poder tem sido artefato basilar no estudo da literatura midiática que aos poucos fomenta um tipo de inclusão, em que novos escritores passam a existir sem serem ofuscados por aqueles que já são renomados.

Dada a pluralidade de culturas e o fenômeno da globalização sem fronteiras, tem se intensificado cada vez mais a necessidade de articulação dos elementos identitários no interior de cada sociedade no sentido de re-significar as identidades por meio da diferenciação.

É nesse sentido que estudar os traços ou as peculiaridades da literatura como elemento distintivo do povo que representa é fundamental para entender como a literatura local dialoga e se articula com as múltiplas culturas no mundo sem fronteiras, e assim entender como o sujeito local é representado no cenário da globalização cultural.

Além do tema que perpassa toda a investigação, o produto final buscou responder à problemática: Quais os elementos identitários que constituem a representação do sujeito na poesia midiática produzida em Roraima e qual a sua relação com a representação identitária no movimento Roraimeira, considerando o fenômeno da cibercultura e o contexto histórico multicultural de Roraima? Tal investigação foi considerada relevante porque a literatura midiática coopera para o

fenômeno da cibercultura, devido à força que ganha à medida que as redes sociais cibernéticas são instrumentos relevantes de comunicação, interação e organização de movimentos sociais e culturais.

Diante do contexto explicitado, não foi difícil perceber que no estado de Roraima a produção científica relacionada à literatura midiática e às novas mídias era escassa, por isso, esta pesquisa teve como objetivo investigar os elementos identitários que constituem a representação do sujeito na poesia midiática roraimense, fazendo um contraponto com a representação identitária na poesia do movimento Roraimeira.

Com esse cenário tão desafiador, a escolha do recorte da pesquisa não foi tarefa fácil, dada a necessidade de fazer delimitações para definir, criteriosamente, o objeto central da investigação pretendida. Assim, o campo de estudo para a análise da poesia midiática foi composto pelo espaço *on-line* de três blogs, mais precisamente **Pô & Cia** (rmibielli.blogspot.com.br), do autor Roberto Mibielli; **Sobre Silêncio e Outras Coisas** (isabella-coutinho.blogspot.com.br), da autora Isabella Coutinho e **Eli Macuxi, Poesia Pura** (elimacuxi.blogspot.com.br), da autora Eli Macuxi.

Para a escolha dos *blogs*, foram levados em consideração alguns critérios a fim de atender ao nosso propósito temático e científico. Primeiro, o fato de os três *blogs* indicados serem voltados exclusivamente à produção e difusão de poesia. Segundo, por serem os mais representativos no Estado, levando em consideração o tempo de existência e a quantidade de poemas publicados e, por último, a postagem contínua de poemas.

Para fazer o contraponto da representação do sujeito na poesia midiática com a representação identitária na poesia do movimento Roraimeira, recorreremos aos estudos de pesquisadores locais sobre este movimento artístico-cultural e também fizemos referência direta a poemas dos autores do movimento, os quais são poetas e músicos, a saber: Zeca Preto, Neuber Uchôa e Eliakin Rufino. A eleição dos autores se deu por serem os mais representativos e os que têm mais produção poética no movimento Roraimeira.

Para a análise da poesia midiática, foram identificados e analisados poemas que representam as tendências identitárias gerais que caracterizam a obra poética de cada *blog* estudado, sendo que, levando em consideração que os três *blogs* analisados apresentam parâmetros de construção identitária muito semelhantes, pois todos se inscrevem no jeito contemporâneo de representação do sujeito trazido pela cultura midiática cibernética, deu-se maior ênfase na análise do *blog* Pô & Cia por este ser o mais antigo.

Desta forma, abordou-se a poesia do movimento Roraimeira em sua primeira fase, de 1984 a 2000, e a poesia dos *blogs de 2005*, quando foi criado o primeiro deles, a 2013. Para a seleção dos poemas retirados dos *blogs*, levou-se em consideração a representatividade que estes poemas têm no contexto histórico em que essa literatura foi produzida, ou seja, a era da cibernética e da globalização cultural e o contexto de múltiplas culturas em que Roraima está inserido.

Na busca de respostas para o questionamento da problemática, optamos por utilizar como metodologia a pesquisa bibliográfica, pois segundo Köche (2006: 122), esta

é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando a sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.

Ainda em relação à pesquisa bibliográfica, Santos (2006: 16-17) diz que “teorizar é levantar um problema e gerar soluções possíveis”, e ainda argumenta que “pesquisar é o exercício intencional da pura atividade intelectual, visando melhorar as condições práticas de existência”.

A pesquisa passou por diferentes fases de execução. Cada uma delas exigiu a aplicação de procedimentos de investigação específicos e cuidadosos, com métodos e técnicas apropriados. Sendo assim, a primeira etapa de investigação consistiu em um minucioso levantamento bibliográfico sobre as questões teóricas

que cercam o *corpus* da pesquisa. Assim, a pesquisa bibliográfica ofereceu todo o suporte teórico necessário para se proceder com a análise da temática proposta.

A etapa seguinte da nossa investigação foi o estudo dos contextos histórico-culturais locais em que as obras analisadas foram produzidas. Para tanto, como já anunciamos anteriormente, recorreremos a produções científicas e documentos textuais oficiais realizados nesta área.

Dada a natureza da nossa investigação, optamos pela pesquisa de raiz qualitativa, sobretudo em se tratando da análise dos poemas selecionados. Entendemos que esta modalidade de pesquisa foi a mais adequada para o estudo porque a nossa matéria prima foram os textos literários produzidos por diferentes sujeitos em contextos polifônicos, cuja análise exigia múltiplas significações. Além disso, Rampazzo (2009: 58-9) argumenta que “a pesquisa qualitativa valoriza o ser humano, que não pode ser reduzido a “quantidade”, a “número”, a “esquema generalizado”.

Bogdan e Biklen (1994: 48) deixam claro que a pesquisa de cunho qualitativo tem ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Nessa corrente de pesquisa, segundo os autores, os dados gerados são predominantemente descritivos; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida deve ser foco de atenção especial do pesquisador.

Entre outras coisas, ainda destacam que a análise dos dados na pesquisa de raiz qualitativa tende a seguir um processo indutivo e que o pesquisador tenta analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.

Para melhor desenvolver os objetivos propostos, o trabalho foi organizado em três capítulos, que visam fazer um contraponto da representação do sujeito na poesia midiática com a representação identitária na poesia do movimento Roraimeira.

No primeiro capítulo, é apresentado o contexto em que surgiu a literatura midiática. Já no segundo capítulo, abordamos a literatura midiática e seus mecanismos de articulação identitária na sociedade contemporânea globalizada,

bem como a própria definição e características fundamentais dessa literatura. Finalmente, no terceiro capítulo é analisado o diálogo entre o movimento Roraimeira e a poesia midiática de *blogs* de autores locais quanto aos seus processos de construção identitária e representação do sujeito roraimense.

1. O CONTEXTO EM QUE SURTIU A LITERATURA MUDIÁTICA

Queremos tratar aqui da literatura midiática produzida e difundida nas redes sociais da internet. Para tanto, vamos situá-la no tempo e no seu espaço de circulação. E para que entendamos a sua força como importante mecanismo de representação identitária do sujeito contemporâneo, ao situá-la no tempo e no espaço, discutiremos dois termos importantes do seu contexto existencial: o ciberespaço e a cibercultura.

Podemos dizer que a história da literatura midiática, de circulação na internet, é recente, embora há muito tempo se possa registrar a presença da literatura em outras mídias, como jornais impressos, rádio e televisão. A literatura midiática como fenômeno cibernético surgiu com o aparecimento das redes sociais.

Sabemos que os primeiros embriões que dariam origem à internet datam dos anos de 1960 e foram criados pelos americanos como estratégias militares em plena Guerra Fria. Assim, segundo, Cairncross (2006 *apud* DANTAS, 2012: 19) a “internet nasceu a partir de uma pesquisa científica financiada pelo governo americano nos anos de 1960 que visava à redução de custos no uso de computadores volumosos, caros e raros”. Dantas esclarece que esta pesquisa inicial objetivava multiplicar a capacidade de uso e armazenagem dos computadores nos Estados Unidos, além de construir um mecanismo em rede que permitisse a manutenção da comunicação estratégica do governo ainda que houvesse um desastre nuclear. A partir daí, a Agência para Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa do governo americano (ARPA) financiou a nova rede, que ficou conhecida como ARPANet (DANTAS, 2012). Segundo este autor, esta rede passou a funcionar em 1969, conectando quatro universidades americanas e subsistiu até 1990. Não demorou muito para os militares e pesquisadores científicos perceberem as vantagens da rede, o que foi seguido pelo público civil. Segundo o estudo de Wertheim (2001: 164), com o grande interesse do público civil, em 1980 a NSF - National Science Foundation - financiou a criação de uma rede conectando departamentos de ciências de computação em todos os Estados Unidos, que

também se ligava à ARPANet. O estudo desse autor mostra ainda que durante toda a década de 1980 outras redes foram sendo criadas e se conectaram gradativamente. Entre o fim dos anos 1980 e o início dos 1990, a Internet se formou com a reunião dessas novas redes que estavam sendo criadas. É a partir dessa expansão integradora e universal da internet, ocorrida desde o início da década de 1990, que começaram a surgir e continuam sendo criadas muitas redes sociais como as que conhecemos hoje no mundo virtual. Os *blogs* são um exemplo dessas redes sociais.

Com o surgimento das redes sociais, a internet tornou-se um fenômeno mundial. Desde o seu surgimento, ela vem causando grande impacto no comportamento do homem do seu tempo. Rapidamente as redes sociais *on-line* vêm se diversificando e se aperfeiçoando cada vez mais. Sua linguagem e processos interacionais são cada vez mais bem definidos e ganham características próprias, se diferenciando de todas as outras mídias, como rádio, televisão e cinema. Vale ressaltar que uma de suas importantes características, a convergência midiática na forma de hibridismo, continua cada vez mais sofisticada.

Como já vimos, a internet, enquanto fenômeno mundial, é muito recente, mas ela atrai uma adesão sem precedência do homem contemporâneo. Isto é tão grandioso e recente que ainda não foi possível estudar na totalidade os seus efeitos no comportamento do homem e da sociedade desse tempo. Contudo, Dantas (2012: 20) diz que

o certo disso tudo é que os passos da cultura e sociedade contemporâneas e futuras sofrerão, em maior ou menor grau, a influência da Internet. Os resultados desse processo ainda não são totalmente conhecidos ou previsíveis, mas podemos perceber a tendência a se fortalecer uma interação mais concreta e real entre público e mídia do que jamais houve em outros meios.

A Literatura midiática, das redes virtuais, que estamos estudando aqui, nasce neste cenário, faz parte desse imensurável fenômeno cibernético. Por isso, para entender melhor essa literatura no universo em que ela é criada, vale a pena analisar dois conceitos importantes surgidos como resultado da influência que a internet vem causando no mundo contemporâneo: o Ciberespaço e a Cibercultura.

A noção de ciberespaço está relacionada à arquitetura de informações. Segundo o estudo de Dantas (2012: 26), devemos entender arquitetura de informações como conjuntos hierárquicos de protocolos de comunicação, com regras lógicas que estabelecem a comunicação entre os computadores interligados fisicamente em uma rede. Os princípios dessa arquitetura de informações, de uso sistemático para fins específicos, foram transportados para o ciberespaço pela sociedade em rede, da informação, uma vez que é necessário projetar a informação de maneira similar aos projetos de edifícios, com funcionalidade, adequação de volume e forma. Saad (2003: apud DANTAS, 2012: 26), para explicar a noção de ciberespaço diz que “uma boa arquitetura de informações garante funcionalidade, fluidez, conforto, áreas de circulação de diferentes velocidades, atalhos, pontos de encontro e referência, vias de distribuição, clareza, iluminação, preservação da memória, amplitude e profundidade”.

Vale ressaltar que a internet apresenta uma arquitetura aberta. Desta forma, Dantas (2012: 27), ao citar Castells (2003), deixa claro que essa é a maior força da Internet, já que possibilita seu desenvolvimento autônomo, à medida que usuários tornam-se produtores de tecnologia e artífices de toda a rede. E é isso que marca sua grande diferença: suas inovações tecnológicas são transmitidas ao mundo, em tempo real, fazendo-nos aprender, através do uso, de uma maneira muito mais rápida.

Portanto, é no contexto da arquitetura aberta da internet que está inserida a discussão sobre o ciberespaço. Lévy (2003: 105), concebe o ciberespaço como a manifestação da arquitetura aberta da Internet, trazendo consigo modos de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto, caracterizando-se como uma “arquitetura do interior, um sistema inacabado dos equipamentos coletivos da inteligência, uma estonteante cidade de tetos de signos”.

Desse modo, Lévy (2003: 106) aponta alguns fatos característicos dessa arquitetura do ciberespaço: 1) as mensagens giram em torno dos receptores, que agora se situam no centro, invertendo as figuras desenhadas pelos meios de comunicação de massa; 2) as distinções entre escritores e leitores, produtores e espectadores se confundem num continuum de leitura-escrita; e 3) as separações

entre as mensagens ou “obras”, concebidas como microterritórios atribuídos a “autores”, tendem a desaparecer.

Dantas (2012: 28), após analisar vários autores, deixa claro que podemos entender o ciberespaço como uma rede de relações sociais que se dão pela constituição virtual dos computadores e da Internet. Ele esclarece ainda que o ciberespaço é muito mais uma rede de relacionamento entre sujeitos sociais do que uma rede ou redes técnicas de ligações entre computadores. Segundo ele, “a Internet só passa a se constituir num ciberespaço social a partir da inserção de sujeitos e de suas relações através de seus nós e ligações técnicas de redes e computadores.” Isto implica dizer, segundo o autor, “que o ciberespaço tem se constituído como espaço para interação social e comunicação, mais do que simplesmente coleta de dados, formando, na prática, um novo domínio da mente.”

Com esse entendimento do ciberespaço sob a perspectiva social, grande parte dos estudiosos tem enfatizado o papel do sujeito nas relações da Internet. Assim, Dantas (2012: 28) referindo-se a Fragoso (2003) diz que “o ciberespaço se ancora no usuário, porque o usuário é a fonte que deflagra os fluxos de comunicação que alimentam os dados que circulam na Internet, introduzindo aí, desse modo, doses significativas de imprevisibilidade.” De fato, fica claro que os sujeitos são fundamentais para os fluxos de informação que constituem as relações sociais que caracterizam o ciberespaço e a Internet.

Além das concepções de ciberespaço apresentadas até aqui, existem outras, mas para finalizarmos nossa abordagem sobre este assunto, queremos trazer a linha de pensamento defendida por Dantas (2012) que nos parece muito apropriada ao nosso estudo de poesia midiática. Trata-se de compreender o ciberespaço numa perspectiva de relações intersubjetivas virtuais. Dantas desenvolve o entendimento dessa intersubjetividade a partir da compreensão da noção bakhtiniana de dialogia. Desta forma, cita Bakhtin (1990: 88) quando este diz que “o discurso, com sua dialogicidade interna, institui a língua em uso, como parte de uma interação intersubjetiva entre enunciador e destinatário.” Assim, Dantas mostra que a intersubjetividade surge em Bakhtin como elemento social. O autor enfatiza o fato de que, para Bakhtin, a comunicação existe a partir do diálogo, enquanto reconhecimento mútuo entre sujeitos que interagem como um “eu” e um “tu”. Dantas

mostra ainda que a dialogia inerente ao discurso, na visão bakhtiniana, baseia-se nas relações intersubjetivas de troca comunicativa, onde os interagentes constroem a intersubjetividade a cada passo. Para Dantas, isto nos aproxima do entendimento da intersubjetividade como a ação de promoção de uma atenção conjunta aos mesmos objetos de referência num mesmo domínio linguístico ou extralinguístico por diferentes sujeitos, que se identificam como membros de uma mesma comunidade discursiva. Dantas afirma ainda ser o processo de intersubjetividade virtual constituído com base nas experiências de compartilhamento de realidades ou co-construção de realidades pelos interagentes.

As relações intersubjetivas virtuais, desse modo, na visão de Dantas, instituem-se em um processo em que tomam parte sujeitos sociais inseridos em um contexto discursivo e dialógico. O autor destaca o fato de que embora não se possa negar que na internet muitas vezes pode-se ter dificuldade de perceber a presença de uma máquina ou software interagindo com o usuário, existem eventos, como os *blogs*, em que são possibilitados claros encontros entre sujeitos reais no campo virtual. Desse modo, Dantas assume a premissa de que, nesses espaços, são manifestos por meio do discurso e da escrita pessoal, sujeitos sociais reais que se relacionam em espaços e eventos virtuais. Para o autor, mesmo que não possamos conhecê-los no mundo *off-line*, suas manifestações escritas são tomadas como elementos de constituição subjetiva e de construção de relações intersubjetivas.

O ciberespaço se tornou um ambiente tão propício para as relações sociais, principalmente as relações intersubjetivas, como já vimos, que na visão dos autores mais otimistas, neste ciberespaço desenvolve-se uma cibercultura, cujas manifestações vão além dos limites da Internet.

Não é fácil definir cibercultura, tendo em vista que não existe uma definição única, mas Dantas (2012: 35) diz que

a maior parte [das definições] coloca-se mais ou menos no que entende Lemos (2002a: 111), ao dizer que a cibercultura é a cultura contemporânea, estabelecida como uma cultura de redes e “fruto da sinergia entre a sociabilidade contemporânea e as novas tecnologias de base micro-eletrônica”.

Para Lévy (1999: 17) “cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Na visão desse autor, a cibercultura, constituída no ciberespaço, promove uma revolução, uma vez que, entre outras coisas, liberta o usuário da Internet para que, dispensando intermediários, possa disseminar seu próprio fluxo de informações (seus textos, suas músicas), construindo seu mundo virtual, os produtos de seu espírito, estabelecendo relações sociais e constituindo uma realidade social sob o seu absoluto critério individual.

Pelo entendimento construído até aqui, verifica-se que os *blogs* estão situados e fazem parte deste ambiente sociocultural do ciberespaço e da cibercultura. Assim, pode-se dizer que os *blogs*, em geral e em especial os do tipo estudados na nossa pesquisa, constituem elementos importantes nas modificações dos fluxos de informação, dos modos e sentidos de leitura, além das próprias noções que envolvem a literatura midiática.

Ao contrário do que muitos têm pensado, a proliferação de conteúdo típica da cibercultura não aniquila qualquer outra forma de manifestação cultural. Para Lemos (2003, apud DANTAS 2012: 36) essa proliferação “se deve, principalmente, a uma inédita liberação do polo de emissão da informação, uma liberação excessiva, resposta a séculos de dominação dos meios de comunicação de massa.” Lévy (1993, apud DANTAS 2012: 36), considera essa proliferação “um requisito para a instauração do que o pesquisador francês chama de “tecnodemocracia”, por representar a reapropriação por parte dos sujeitos sociais dos fenômenos da comunicação. Dantas deixa claro que Lévy (1993) acredita que os sentidos da cibercultura, variados e em renovação, dentro dessa característica de excesso e liberação da emissão, derivam de sua interligação com as comunidades virtuais, o que representa a esperança de a humanidade encontrar-se livre das coerções e simulações da sociedade midiática.

Portanto, o estudo de Dantas (2012) conclui que a cibercultura não aniquila ou substitui qualquer manifestação cultural. A cibercultura apenas transforma as práticas, modalidades midiáticas e espaços sociais, sem substituir os antecedentes. Dantas ainda cita Vilches (2003: 153) mostrando que este defende que a nova

cultura digital prossegue tendo como referentes autor e livro de papel, ainda que seja apenas para radicalizar posturas e entendimentos alternativos. Esclarece que tanto a cultura das massas quanto a cultura das mídias continuam em plena atividade na vigência da cultura digital.

A discussão desenvolvida até aqui já é suficiente para mostrar que a literatura midiática, objeto de nosso estudo, produzida e difundida em *blogs*, está inserida em um contexto de grande importância para os estudos identitários, já que o ciberespaço, ambiente a que essa literatura pertence, constitui um verdadeiro fenômeno cultural, a chamada cibercultura. Assim abordaremos a seguir a literatura midiática e seus mecanismos de articulação identitária.

2. A LITERATURA MIDIÁTICA E SEUS MECANISMOS DE ARTICULAÇÃO IDENTITÁRIA

Os estudos envolvendo as questões identitárias têm sido recorrentes na sociedade contemporânea em várias áreas do conhecimento. Pode-se dizer que a literatura e os movimentos artístico-culturais em geral são campos privilegiados desses estudos, dado o poder de articulação identitário-cultural que eles apresentam. Foi neste sentido que propusemos o estudo sobre a literatura midiática produzida em Roraima a partir do século XXI e o diálogo entre esta e a poesia do movimento Roraimeira produzida nas duas últimas décadas do século passado para saber como o sujeito roraimense é representado nestes dois movimentos literários: poesia midiática e Roraimeira.

O estudo da literatura midiática do período em questão, aquela produzida e difundida nos meios eletrônicos virtuais, apresenta grandes desafios, uma vez que se trata de uma área da literatura que ainda está em processo de teorização e crítica. Isto implica dizer que apesar de haver muitos estudos realizados nesta área, estes ainda são incipientes ou praticamente exploratórios, considerando a complexidade que envolve este fenômeno. Contudo, é certo, também, que em decorrência da força que as redes sociais cibernéticas vêm ganhando na modernidade em todas as áreas, inclusive a cultural, como já explicitamos, tem aumentado rapidamente o interesse pelo estudo da literatura midiática. Muitos autores, como veremos mais adiante, já a consideram como a vertente mais importante da literatura contemporânea, embora não estejam se referindo a sua qualidade, que aliás ainda não foi discutida criticamente.

Foi considerando a força e importância que a literatura midiática vem ganhando nos meios eletrônicos e redes sociais, sobretudo como novo mecanismo de articulação cultural e identitária, que realizamos a pesquisa sobre a poesia midiática escrita e publicada em três blogs por autores locais, estabelecendo o seu diálogo com o movimento Roraimeira. A seguir discutiremos, a partir de bases teóricas, a definição de literatura midiática e seus processos de articulação identitária.

2.1 O QUE É LITERATURA MIDIÁTICA

Como já falamos anteriormente, a literatura midiática vem ganhando força na medida em que as redes sociais virtuais vêm se tornando cada vez mais importantes ferramentas de comunicação, interação e organização de movimentos sociais e culturais na sociedade contemporânea. Neste contexto, a literatura midiática vem contribuindo significativamente para o fenômeno da cibercultura. Mas afinal, como se define a literatura midiática?

Segundo Truiz (2011), a Literatura Midiática é uma forma de literatura que se serve dos avanços tecnológicos oportunizados pela eletrônica e pela informática, que alteraram os procedimentos na veiculação e difusão da comunicação literária. Ela está ligada a uma variedade de correntes de pensamento que estudam a linguagem com que os autores contemporâneos fazem seus livros. É a modernização da leitura das tribos leitoras, que usa a linguagem do texto com o auxílio de mídias. É a literatura veiculada nas mídias – televisão, rádio, internet, jornal on-line. Entre as suas marcas, se faz presente o fato da literatura midiática se relacionar às artes gráficas, sonoras, visuais e à tecnologia informatizada das mídias que lhes dão suporte.

Não se pode questionar o valor do livro impresso, mas também não podemos negar que as inovações tecnológicas, com seus arrojados e diversificados processos de comunicação em rede, fascinaram definitivamente o homem moderno. Isto tem forçado os diversos segmentos da vida humana a se adaptarem às novas formas de veiculação do conhecimento, sob pena de não sobreviverem nesta era da globalização digital, da sociedade virtual, da comunicação on-line. Com a literatura, não foi diferente. A literatura midiática é resultado dessas mudanças.

Não se sabe ainda definitivamente qual é a extensão dos impactos e as consequências dos processos midiáticos para a vida do homem contemporâneo. Muitas são as teses ainda não comprovadas cientificamente, mas as evidências deixam claro que a era da tecnologia alterou radicalmente a racionalidade e o comportamento do homem da pós-modernidade. Trata-se de um processo extremamente complexo e que, por isso mesmo, é necessário ser estudado.

No caso da literatura, são muitos os pontos de vista e questionamentos sobre a imersão desta nos meios eletrônicos. Por um lado, alguns acham que a produção e difusão da literatura nas mídias eletrônicas seria o fim da própria literatura. Este é o caso de Lucas (2001: 12-22), que ao analisar a questão da literatura na era da eletrônica nos chama a atenção sobre vários aspectos. Embora a análise desse autor esteja centrada no foco das mídias como rádio, televisão e cinema, portanto, historicamente um pouco antes da comunicação em rede, do mundo on-line, do ciberespaço, vale a pena destacar alguns pontos de sua discussão. Um deles é o de que “os novos veículos nos envolvem, reclamando a nossa participação. Estamos submetidos a uma existência multissensorial”. O autor deixa claro que o fascínio dos meios de comunicação teria envolvido tanto o homem, que se gerou uma vocação narcísea, uma cultura da imagem pessoal, do eu, como podemos constatar quando ele diz que “a universalidade e a instantaneidade da informação, operada esta por veículos envolventes e de estimulação de todos os sentidos, têm isolado as pessoas, justamente quando se dá a despolarização e se observa o crepúsculo das utopias.” Isto, por sua vez, somado a uma infinidade de atrativos trazidos pelas mídias e somado também à própria globalização com seu processo de indústria cultural, segundo este autor, teria alienado o homem ao consumismo do espetáculo capitalista e fadado a literatura ao esquecimento. Vale ressaltar que o autor está se referindo à literatura canonizada, tradicionalmente publicada em livros impressos. Como ele bem diz, “há muito se abandonaram os clássicos como fonte de consulta, dignos de imitação. O sistema literário entrou em pane.”

Por outro lado, ao contrário de Lucas, Rodrigues (2005: 56) traz um estudo com uma visão completamente diferente sobre a literatura midiática. A autora não só a defende, como situa a importância dessa literatura na pós-modernidade. Entre os seus argumentos, ela diz:

Como boa leitora barthesiana, sei que não podemos ficar mais tempo na era do conhecimento compartimentado e arquivado em bibliotecas universitárias, desvinculado do encontro prazeroso com membros de várias comunidades. Em outras palavras, a imersão nas modalidades tecnológicas de produção, debate e recepção de literatura deve contribuir para que a pesquisa acadêmica – envolvendo professores, alunos e comunidade (interna/externa) das instituições universitárias – readquira a vitalidade de outrora e se aproxime novamente de algo mais verdadeiramente humano e humanista.

A verdade é que a literatura midiática hoje é uma realidade. Ela vem se destacando tanto pelos seus processos inovadores de criação, produção e difusão em rede, como também já é uma tendência marcante o próprio livro on-line. Governos, bibliotecas, empresas, instituições e órgãos nacionais e internacionais têm disponibilizado na internet diversos programas, sites e outras páginas com milhares de livros literários grátis para serem lidos no computador ou em qualquer outra página eletrônica, inclusive podendo ser baixados para arquivos pessoais. São livros da literatura nacional e universal de todos os tempos, principalmente os clássicos. Isto mostra que a leitura literária já não se faz mais só no livro impresso. Definitivamente, a literatura chegou às folhas eletrônicas das redes sociais.

2.2 A LITERATURA MIDIÁTICA E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Qualquer estudo da literatura, seja esta na sua forma tradicional - entendida aqui como forma impressa - ou midiática, isto é, veiculada nos ciberespaços, interessado em analisar a questão da representação do sujeito local na atualidade, como é o nosso propósito, precisa discutir os postulados da construção identitária na sociedade globalizada do nosso tempo. Sabe-se que o advento da própria internet é um dos responsáveis pelo fenômeno da globalização, sobretudo, cultural.

Situada no hipercentro da globalização planetária, a internet, com seus avançados e sofisticados meios de comunicação instantânea, tem repercutido decisivamente nos processos de construção e reconstrução identitária na contemporaneidade. Como bem dizem Souza & Costa (2006: 5):

Esse momento atual da identidade coincide, ainda, com o advento da comunicação pela Internet, onde prevalece o paradigma todos-todos. Esse novo espaço, que Pierre Levy chama de espaço do saber, ou ciberespaço, é o local do intelectual coletivo. A identidade desse que permeia esse território é distribuída e nômade, e se faz em oposição à identidade de pertença.

Realmente não se pode negar o impacto que a internet causa ao fenômeno identitário na pós-modernidade. Contudo, é preciso ficar claro que ela por si só não seria responsável por este fenômeno, é apenas parte dele. Neste sentido, Turkle (1997, apud SOUZA & COSTA, 2006: 6), nos diz que

Na história da construção da identidade na cultura da simulação, as experiências na internet ocupam um lugar de destaque, mas essas experiências só podem ser entendidas como parte de um contexto cultural mais vasto. Esse contexto é a história da erosão das fronteiras entre o real e o virtual, o animado e o inanimado, o eu unitário e o eu múltiplo, que está a ocorrer tanto nos domínios da investigação científica de ponta como nos padrões da vida quotidiana.

Outro aspecto importante é que a internet se tornou ambiente propício ao modo de vida do homem contemporâneo. A sensação que se tem é que ela é parte do nosso cotidiano; que as nossas experiências do dia a dia ocorrem e se completam na internet; somos internautas. Segundo Souza & Costa (2006:6) a erosão das fronteiras

que hoje se encontra em estado mais avançado, permite que se extrapole conseqüências das experiências vividas na internet como analogias, se não simulações, das experiências vividas no dia a dia. A própria Turkle destaca que as experiências com múltiplas identidades *on line* ajudam a desenvolver novas idéias sobre a multiplicidade identitária experimentada no quotidiano.

É por estarmos conscientes da importância e da força que a internet tem como veículo de comunicação e interação, com o seu reconhecido poder de influenciar nos processos de construção identitária na pós-modernidade, que propomos o estudo sobre a poesia de autores roraimenses produzida e difundida em *blogs* locais. Sabemos que Roraima, sendo um estado de história recente, povoado por pessoas nativas e pessoas vindas de diversas regiões do país, situado em uma região de fronteiras internacionais, vem buscando, também por meio de vários movimentos artístico-culturais, como o Roraimeira, por exemplo, a construção de uma identidade cultural que lhe garanta particularidades em relação aos demais estados do país e ao mundo. Desta forma, partimos para a nossa pesquisa acreditando que os movimentos artístico-culturais manifestados pelos *blogs* de poesia e o próprio movimento Roraimeira revelam importantes elementos de representatividade do sujeito local.

O interesse por estudos sobre a identidade cultural local vem se intensificando cada vez mais desde que foi instaurado o que vem se chamando de “fenômeno da globalização”. Este interesse realmente parece se justificar, pois nestes tempos de globalização, mais do que nunca as sociedades constantemente se interpenetram, o que causa profundas mudanças e alterações em suas identidades culturais. Neste contexto, os movimentos artísticos locais se articulam, também, no sentido de interpretar, dialogar, selecionar e até incorporar elementos externos na cultura local, sem, contudo, perder sua essência identitária em relação às outras culturas. Portanto, estes movimentos, por meio de sua sensibilidade e por estarem atentos aos acontecimentos do seu tempo, são capazes de se adaptarem e reinterpretarem ou até mesmo redefinirem os elementos articuladores de sua cultura local, re-significando e criando novos sentidos para a sua realidade, sobretudo quando se tratam de contextos multiculturais como é o caso de Roraima.

A interação interplanetária das culturais contribui para o estabelecimento de novas relações entre os indivíduos, entre os grupos sociais e o mundo abrangente, exatamente devido ao seu poder de interpenetração. Nesse contexto, a noção de localidade ganhou novos direcionamentos, buscando-se assim enfatizar a singularidade das identidades locais face às mudanças e às inter-relações culturais provocadas por este poder de interpenetração global. É claro que isto não significa conceber o local como algo dado e imutável. Isto seria impossível e até inaceitável no mundo globalizado. O que vem se desenvolvendo é um pensamento de que o local deve ser construído segundo interesses específicos e mutáveis historicamente, como uma categoria que se transforma em função de ações e alterações no contexto regional, nacional e internacional. Foi neste sentido que propusemos um diálogo, ainda que breve, entre a poesia midiática produzida neste século e o movimento Roraimeira, ocorrido nas duas últimas décadas do século passado.

Diante do que foi exposto anteriormente, ao se discutir identidade cultural local, antes é preciso refletir sobre a questão do local versus global, pois, como já demos a entender, o fenômeno da globalização tem alterado drasticamente as relações do sujeito no tempo e no espaço. Neste sentido, para Cunha (2000: 39)

O espaço está na ordem do dia. Em grande parte, em virtude do processo de globalização e de alguns dos seus corolários, como a homogeneização social e a fragmentação regional. Nesses termos, ganha grande importância

a discussão sobre o embate do global versus local. O eixo das discussões parece passar por algumas questões que podem ser resumidas da seguinte forma: o processo de globalização, que significa a difusão e a consolidação de uma ordem ou modelo social único, resultará no fim da importância que sempre tiveram as ordens ou modelos sociais regionais e locais, ou esses modelos conseguirão sobreviver via diversas formas de resistências e adaptações? Ou, ainda, se ordens e modelos regionais e locais influenciarão decisivamente o “modelo consensual”?

É comum entre vários autores, como os que citaremos abaixo, a tese de que a globalização tende a diluir as identidades. Esses autores acreditam que a globalização realmente contribui para uma espécie de unificação cultural, ou cultura global, como bem atesta Lévy (2008: 17), ao dizer que

Nós. Os planetários. Nós dirigimos os mesmos carros, nós pegamos os mesmos aviões, nós temos as mesmas casas, as mesmas televisões, os mesmos telefones, os mesmos cartões de crédito. Nós nos informamos na câmara de eco das mídias globalizadas.

[...] Nós, os planetários, consumimos no mercado mundial. Nós comemos à mesa universal.

Matheus (2002: 33) também reconhece que hoje, nestes tempos de globalização, há dois processos de moldagem cultural dos sujeitos: o supermercado cultural global e o Estado. A este respeito, ele diz:

Meu argumento é que as pessoas de todo o mundo afluente e ligado pelos meios de comunicação de massa de hoje podem ser moldadas tanto pelos supermercados materiais e culturais como pelo Estado. [...] essa manipulação é intensa em toda parte; hoje a moldagem do Estado está sendo corroída em toda parte pela moldagem do mercado.

Contudo, apesar de não se poder negar o poder da invasão, da interpenetração dos fenômenos culturais universais impulsionados pela globalização, na prática essa unificação cultural não tem ocorrido e ao que tudo indica não ocorrerá. Isto porque há uma articulação contínua dos elementos culturais por meio dos sujeitos no interior de cada sociedade com vistas a construir, reconstruir ou re-significar suas identidades por meio da diferença. Neste sentido, Hall (2006: 17), comentando Laclau (1990), diz que

As sociedades da modernidade tardia... são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeitos” – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser

conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história.

Como se vê, é exatamente por meio da articulação dos diferentes elementos identitários que as identidades culturais de cada sociedade não se diluem ou não se unificam formando uma identidade cultural única ou universal. É bom destacar também o fato da estrutura da identidade permanecer aberta, o que implica dizer que as sociedades não estão fechadas ao fenômeno cultural global. É por meio dessa abertura que se dá a dinâmica da construção constante da identidade, já que esta, mediante os processos de articulação de seus elementos identitários, se re-significa e se reconstrói historicamente em função da dinâmica existente entre o local e o global. Porém, precisamos afirmar que não se trata de perda identitária, ou seja, nenhuma sociedade perde a sua identidade em função da globalização. Essa perda não acontece, como já demos a entender, exatamente devido à importância que os sujeitos dão ao seu lugar como espaço de construção de sua identidade. É assim que, nestes tempos de globalização cultural, o local tem ganhado novos significados, principalmente como espaço de articulação identitária para representação singular dos sujeitos. Scruton (1986, apud HALL, 2006: 48) diz que o homem deve “identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao que ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar”.

É devido a este interesse pelo diferente que existe o jogo entre o local e o global. O homem local quer se diferenciar sim em relação ao restante dos homens do mundo. Cuche (2002: 183) diz que “não há identidade em si, nem mesma unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra.” Então esta é a grande razão da diferença, tão importante na construção da identidade local.

Neste contexto de re-significação do espaço local e do regional, os movimentos literários locais ganham grande importância, pois eles também são grandes articuladores dos elementos culturais no interior de cada localidade e por meio das representações marcam ou identificam as diferenças, aquilo que o homem identifica como pertencente ou peculiar a sua identidade cultural.

Em se tratando da literatura, podemos dizer que o escritor capta o universo humano e o comunica por meio do discurso literário em seu texto. Sartre (1989: 33-4), ao discutir a questão “por que escrever?”, diz que “cada uma de nossas percepções é acompanhada da consciência de que a realidade humana é ‘desvendante’; isto quer dizer que através dela ‘há’ o ser ou ainda que o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam.” É através dos significados contidos nos discursos literários que o mundo social e o homem em si são representados na obra literária. Woodward (2000: 47) corrobora com esse pensamento ao dizer que “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.” Foi nesta perspectiva que analisamos os textos literários contidos nos *blogs* e no movimento Roraimeira, objetos do nosso estudo, cuja análise passamos a descrever a seguir.

3. DIÁLOGO ENTRE O MOVIMENTO RORAIMEIRA E A POESIA MIDIÁTICA DE BLOGS LOCAIS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO

Quando propusemos o estudo da poesia midiática de *blogs* locais fazendo um diálogo com o movimento Roraimeira, o fizemos com o objetivo de verificar como o sujeito local é representado em cada um desses movimentos literários e assim identificar os elementos de articulação e de construção identitária desse sujeito local comuns entre estes dois movimentos. Neste sentido, a nossa investigação logo deu conta de que praticamente não existe relação entre a poesia do Roraimeira e a dos *blogs* estudados no sentido de construção identitária local ou de representação do sujeito roraimense.

Na verdade, há um deslocamento da poesia midiática dos *blogs* locais em relação à poesia do movimento Roraimeira quanto aos processos de construção identitária do sujeito. Assim, pode-se dizer que, embora tanto no Roraimeira como nos *blogs* há autores roraimenses e autores que escolheram Roraima para viver, cada um desses movimentos literário-culturais representa projetos identitários muito diferentes.

Verifica-se, portanto, que o Roraimeira está nitidamente empenhado em um projeto de construção da identidade local ao passo que a poesia midiática dos *blogs* analisados está centrada na expressão de um sujeito mais universal, tendo como predomínio a introspecção do eu, este eu que se revela ao mundo, ao seu tempo, mas descomprometido com a questão das raízes culturais locais. Longe disso, trata-se de uma poesia que está inserida e filiada à cultura cibernética contemporânea, ao modo de representação do sujeito contemporâneo e não do sujeito roraimense em si. Desta forma, são raros os traços de encontro entre a poesia desses dois movimentos. Assim, a análise que apresentaremos a seguir evidenciará o deslocamento ao qual estamos nos referindo entre estes dois movimentos artístico-culturais.

3.1 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NO MOVIMENTO RORAIMEIRA

Surgido na década de 80, o Roraimeira é reconhecido como o movimento artístico-cultural mais expressivo de Roraima até então e é o que mais contribuiu com a construção da identidade roraimense. Na verdade, este é o primeiro movimento roraimense que “buscou discutir o problema da identidade cultural roraimense através da produção de uma arte referenciada pelos elementos da vida e da paisagem local” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009: 28). Este movimento foi tão importante que, como afirmam os autores citados, “aglutinou músicos, escritores, dançarinos, poetas, fotógrafos, entre outras expressões artísticas voltadas para a construção cultural de uma identidade para o povo de Roraima, calcado, sobretudo, nos elementos da cultura e da paisagem natural existentes no estado”.

Apesar de aglutinar vários artistas, o Roraimeira tem como figuras mais marcantes os seus idealizadores, o trio formado por Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto. O movimento existe até hoje, mas o nosso interesse aqui se restringe à sua primeira fase, que foi de 1984 a 2000. O interesse único por esta fase se justifica porque ela delimita a produção artística nitidamente interessada na construção identitária do roraimense, objeto do nosso estudo. Enquanto a primeira fase é marcada pelo ufanismo, pela exaltação da natureza e dos elementos identitários do povo local, a segunda fase, chamada de pós 2000, é mais crítica, politizada e questionadora, problematizando a realidade vivida no Estado. Esta fase é marcada também pela separação do trio acima mencionado, pois cada um seguiu carreira solo dentro do movimento.

Como já demos a entender, a primeira fase do Roraimeira constituiu-se de um projeto de construção da identidade cultural local de forma muito consciente, assumindo, portanto, além do caráter artístico, um propósito político, como fica bem claro nestes trechos de uma entrevista dada por Eliakin Rufino aos pesquisadores Oliveira, Wankler e Souza (2009: 28-29).

No movimento Roraimeira nós tentamos esboçar uma fisionomia cultural pra cá, porque até então se dizia que aqui não tinha cultura, isso era um comentário recorrente. O grupo Roraimeira vai reconhecer na cultura indígena a nossa cultura mais ancestral, nossa base.

[..] Talvez a nossa grande contribuição, do Roraimeira, é acabar com a crise de identidade que Roraima padecia. Eu acho que até o Roraimeira não havia uma arte local mesmo: é a dor e a delícia de ser pioneiro. [...] Um movimento que está preocupado em construir uma identidade, uma estética regional.

Outra grande relevância do movimento é que além de ter tomado como base para a construção da identidade roraimense a cultura do povo indígena, também se preocupou com a questão da pluralidade cultural presente no nosso estado, como bem atesta o próprio Eliakin Rufino em entrevista realizada por Thereza Dantas, citada por Oliveira, Wankler e Souza (2009: 29)

Somos uma sociedade plural e de fronteira. Aqui em Roraima vivem brasileiros de todas as partes do país e mais os estrangeiros da Venezuela e Guiana. A proximidade com o Caribe, a forte influência nordestina em Roraima, a marcante presença dos povos indígenas e a distância do resto do Brasil, tudo isso foi configurando um movimento cultural (música, literatura, fotografia, artes plásticas, dança) que reconhecia e acomodava todas as diferenças e apontava para a diversidade e a pluralidade como a marca da nossa identidade.

Outro texto que expressa nitidamente a política, os propósitos e a preocupação do movimento com a cultura local é o próprio manifesto lançado pelo grupo.

01. Sou mais Roraima;
02. Roraima é de quem ama Roraima, independe se nasceu aqui ou não;
03. Em Roraima não há primavera, somente inverno e verão;
04. Roraima é a síntese do Brasil, somos o Estado mais brasileiro;
05. Roraima é a terra do fogo, mas é muito mais a terra da dança da chuva;
06. Do Caburaí ao Chuí;
07. A maior riqueza de Roraima não está no subsolo, está no solo: é a beleza natural de nossa paisagem;
08. Roraima é índia, até no nome;
09. Paçocou, tem que bananar;
10. Sou um macuxi tangendo um violão;
11. A planura do campo faz enxergar longe, por isso temos Boa Vista;
12. Buriti com farinha na veia;
13. Ou a gente é mais Roraima ou Roraima não é mais

Verifica-se nesses registros que os laços com a cultura regionalista são bem marcantes. A finalidade do movimento era suscitar o desejo pela valorização das riquezas naturais e principalmente contribuir para a formação identitária do

roraimense. Este comprometimento com a cultura local, com a construção da identidade roraimense faz com que os poemas, as letras das músicas, a poesia musicada, enfim a arte produzida pelo grupo exalte a natureza, a paisagem local, os povos habitantes do lugar, com predominância para os elementos, costumes, mitos e modos de vida dos indígenas, buscando a descoberta, o reconhecimento, a valorização e o sentimento de pertence dos elementos que constituem a identidade roraimense. Podemos perceber isso nas obras de Zeca Preto, Neuber Uchôa e Eliakin Rufino, mas vamos expor a seguir apenas o poema musicado de Zeca Preto, publicado em seu único livro chamado *Beiral* (1987), que por si só é suficiente para caracterizar o que estamos falando.

Roraimeira

Zeca Preto

Te achei na grande América do sul
quero atos que me falem só de ti
e em tua forma bela e selvagem
entre os dedos o teu barro o teu chão
e em tuas férteis terras enraizar
a semente do poeta Eliakim
nos seus versos inerentes ao amor
aves ruflam num arribe musical, musical
os teus seios grandes serras,
grandes lagos são os teus olhos
tua boca dourada, Tepequém, Suapi
terra do Caracaranã, do caju, seriguela
do buriti, do caxiri, Bem- Querer
dos arraiais, do meu HI-FI,
da morena bonita do aroma de patchully
da morena bonita do aroma de patchully
o teu importante rio chamado branco
sem preconceito em um negro ele aflui
és Alice neste país tropical,
de um cruzeiro norteando as estrelas
norte forte macuxi Roraimeira
da coragem, raça, força garimpeira
cunhantã roceira, tão faceira
diamante ouro, amo-te poeira, poeira...

Logo no primeiro verso é nítida a contextualização de Roraima no continente sul americano: “*Te achei na grande América do Sul*”. Mas além dessa localização geográfica, este verso traz outro sentido: a de um achado importante, pois o verbo achar empregado aí sugere que Roraima seria uma espécie de tesouro perdido, um

paraíso encantado, que agora foi descoberto, um prenúncio mitológico que a poesia vai mostrar. Já o segundo verso: “*Quero atos que me falem só de ti*”, anuncia o comprometimento com a particularidade, com aquilo que é peculiar de Roraima. E, assim, o poema suscita de forma exuberante e com muito ufanismo a beleza da natureza, como neste verso: “*E em tua forma bela e selvagem*”, em que além da beleza, o selvagem aí ganha duplo sentido. Selvagem em referência a uma terra com baixíssima densidade demográfica, aliás, Roraima é o estado com menor densidade demográfica do Brasil, 2,01 habitantes por km², segundo dados do Censo 2010 do IBGE; portanto, uma terra ainda constituída quase que totalmente de selvas e campos. Selvagem também em referência à beleza e à forma da mulher. Mulher esta que representa os povos nativos, os índios, os que ganham maior destaque no poema. E assim desencadeia um processo de reconhecimento do cenário paisagístico envolvendo a fauna e a flora da região, constituindo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

Outro aspecto importante a ser destacado é que o poema mostra todo um processo de enraizamento da cultura roraimense, uma cultura que se enraíza em terras férteis, segundo o poema, a começar por estes versos: “*E em tuas férteis terras enraizar / A semente do poeta Eliakin*”, uma referência à cultura literária, à cultura artística local, pois sabemos que a literatura local também contribui para a construção da identidade de seu povo, valendo destacar ainda que Eliakin é o principal poeta roraimense. E desta forma, apesar do grande destaque dado aos elementos oriundos da cultura indígena e ao próprio homem indígena, o poema também evidencia a contribuição dos migrantes para a construção da identidade roraimense por meio dos versos: “*O teu importante rio chamado Branco / Sem preconceito de um negro ele aflui / [...] Da coragem, raça, força garimpeira*”, pois se sabe que tanto na literatura como na cultura popular roraimense o Rio Branco se confunde com o próprio estado de Roraima, com a terra, tamanha é a sua importância para o povo. Então sendo ele construído no poema como um rio sem preconceito, sugere a grande abertura que Roraima dá a todos os povos vindos do restante do Brasil e dos países fronteiriços, como é o caso dos nordestinos e dos garimpeiros vindos de todo o Brasil.

Enfim, o poema apresenta não só uma descrição da nossa terra, com suas riquezas naturais e minerais, mas também traz a síntese da trajetória histórica e cultural do povo roraimense: uma história que é feita de índios, negros e brancos, nordestinos, garimpeiros, gente vinda de toda parte do Brasil. Isso demonstra a mistura étnica e o pluralismo cultural do estado.

Nessa perspectiva, o movimento Roraimeira, em sua primeira fase, delimita importante campo simbólico com a finalidade de reafirmar o “pertencimento” à cultura roraimense. Como bem afirmam Oliveira, Wankler e Souza (2009: 32)

“Outro elemento muito presente nos versos do trio Roraimeira diz respeito ao mundo vivido cotidianamente pelos cidadãos de Boa Vista, pois os costumes e tradições trazidos pelos migrantes foram somados a cultura indígena já existente, contribuindo assim para o pluralismo cultural - marca da identidade roraimense defendida nos versos do Roraimeira.

Tendo como principal cenário a cidade de Boa Vista, que aglutina a maior parte da população roraimense, a arte do Roraimeira é marcada pela subjetivação ao se tratar dos elementos culturais e identitários. A este respeito, Oliveira, Wankler e Souza (2009: 32) dizem que

Tal subjetivação contribui para ampliar os sentimentos topofílicos, ou seja, o apego entre as pessoas e os lugares ou ambientes físicos (TUAN, 1983). Assim, os diversos sentimentos humanos são construídos a partir da constante relação entre as pessoas e o espaço geográfico, onde acabam sendo registradas, através das mais distintas manifestações, os elementos da paisagem, marcas culturais e, também, identitárias. Ocorre, ainda, uma apropriação dos elementos já existentes a partir dos quais se constrói referências próprias.

Para finalizar essa nossa abordagem sobre a construção identitária no Movimento Roraimeira, é importante expormos as principais tendências e contribuições da chamada primeira fase desse movimento elencadas pelos pesquisadores Oliveira, Wankler e Souza (2009: 33-4).

Os autores destacam sete tendências principais que, segundo eles, nortearam o movimento na sua primeira fase, a saber: a forte influência de expressões indígenas; a preocupação em divulgar as potencialidades turísticas do estado de Roraima; a preocupação em divulgar os costumes e tradições indígenas; a idealização de uma cidade/capital desprovida de problemas e conflitos; a

exaltação dos elementos da paisagem natural; fortes referências topofílicas e ausência de reflexão, mais explícita, sobre os problemas existentes no estado.

Quanto às principais contribuições do movimento nesse período, estes pesquisadores destacaram três. A primeira dessas contribuições diz respeito à importante valorização da cultura indígena e do índio na sociedade roraimense. Depois foi enfatizado que este movimento teve papel relevante na autoestima da população roraimense. A este respeito, os pesquisadores frisam que Roraima passou a ter algumas canções do movimento como símbolo de orgulho do estado, pois, segundo os mesmos, existem canções que são confundidas como hino do estado ou do município de Boa Vista, casos exemplificados pelas canções "Makunaimando" e "Cidade do Campo". E, por fim, destacaram a contribuição para identificação – sobretudo dos migrantes – com o lugar.

Não há dúvida de que o Roraimeira muito contribuiu para a construção da identidade roraimense nesta sua primeira fase. Podemos dizer que a proposta da poesia e da arte em geral desse movimento revolucionou a história cultural do povo do estado de Roraima. Foi uma produção tão rica e marcante, que seus idealizadores levaram esses conhecimentos artísticos e culturais para várias partes do Brasil, assim também como para países da Europa. Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto fizeram vários shows em todas as regiões do nosso país, divulgando a música, a poesia e a cultura roraimenses produzidas a partir do movimento. Também participaram de vários festivais artístico-culturais nacionais e ganharam vários prêmios. A repercussão da cultura roraimense proporcionada por este movimento foi tão expressiva, que a apresentadora Regina Casé, da TV Globo, fez uma matéria completa sobre o estado de Roraima, focando o Roraimeira, em que mostrou, entre outras coisas, entrevistas e participação musical de Eliakin Rufino. Esta matéria foi apresentada no seu programa "Central da Periferia", que fez parte da grade da Rede Globo durante o ano de 2006.

3.2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA POESIA MIDIÁTICA DE *BLOGS* LOCAIS E O SEU DIÁLOGO COM O RORAIMA

As mídias digitais, com seus arrojados aparatos tecnológicos, constituem-se no mundo contemporâneo como grandes possibilidades de construção das sociabilidades e das identidades, as quais são mediadas pelo computador. Os *blogs* estão inseridos no mundo midiático-tecnológico das comunidades virtuais. Logo, eles também são responsáveis por esse novo processo de construção das identidades e da cultura contemporânea. Segundo Xavier (2011: 31) “sem dúvida são as tecnologias que movem o homem e que promovem o desenvolvimento social, cultural e econômico do mundo”.

A grande inovação que ocorreu na dinâmica da comunicação moderna consiste no fato de que as mídias contemporâneas suscitam potencialmente a participação dos sujeitos, que deixam de ser apenas receptores e produzem opiniões, porque a forma de comunicação agora é interativa, o que não acontecia antes nos meios tradicionais – televisão, rádio. Com o surgimento das novas plataformas, o ambiente da web promove toda essa interação comunicativa. A concepção de Jenkins (2009: 43) aponta para uma mudança radical de comportamento pautado na tecnologia. Conforme observa este autor: “a convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e público”. Os *blogs* inserem-se nesses preceitos.

As mudanças proporcionadas pela tecnologia das mídias digitais são tantas, que hoje se reconhece modificação inclusive na linguagem utilizada pelas pessoas nas redes sociais para representarem a si e o mundo em que estão inseridas. São mudanças linguísticas tão significativas que foram capazes de gerar o que os teóricos chamam atualmente de retórica digital. Xavier (2011: 43), ao abordar esta questão, deixa claro que a retórica digital, chegada como efeito da intensa variação no uso da língua combinada com outras linguagens em comunicação mediada por computador, normalmente acontece entre sujeitos que, se não participam efetivamente de uma comunidade virtual organizada, pelo menos compartilham com

outros algumas identidades socioculturais, o que justificaria a frequente troca de mensagens entre eles.

A retórica digital ganhou muita força nas redes virtuais por vários motivos. Entre eles, ela constitui-se uma linguagem inovadora, apropriada aos dispositivos de enunciação dos aparatos midiáticos. Além disso, trata-se de uma linguagem que se adequa à antiutopia da cultura da rapidez e do acúmulo. Desta forma, pode-se dizer que a retórica digital é imprescindível à manutenção das redes sociais. Em seu estudo, tendo como base o trabalho de Miller, uma pesquisadora americana, Xavier (2011: 47) destaca três forças centrípetas disponibilizadas retoricamente para impedir que uma dada comunidade virtual se desfaça. A primeira destas forças seria o *gênero textual*. O autor diz que este teria o poder de estruturar intenções de ações dos sujeitos e partilhá-las com a comunidade. A segunda força disponibilizada para conter a dissolução de uma comunidade seria a *metáfora* ou as figuras de linguagem de forma geral. Xavier esclarece que este recurso linguístico, por sua dimensão alegórica ofereceria aos sujeitos modos ricos de, a partir da diferença, criar similitudes. A terceira e última força centrípeta citada pelo autor, que promoveria a coesão da comunidade, é a *narração*. Ela teria a capacidade de construir e unificar semanticamente comunidades retóricas por evocar a sensação de pertencimento pelo compartilhamento de acontecimentos passados. Segundo este autor, os sujeitos pertencentes a comunidades concretas (e virtuais) precisam contar / relatar, para eles mesmos e para outros, histórias que viveram e quais foram seus papéis nelas.

Outro fator importante dessa retórica digital é o fato de que os sujeitos que interagem nas redes sociais podem, sem impedimento algum, se tornar autores e leitores, conforme o processo ou situação de comunicação. Qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, pode produzir e publicar nas redes, pode criar sua própria rede, assim como qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, pode ler as publicações das redes. Acrescenta-se que o papel do leitor nas redes sociais não é o de mero receptor, como foi anteriormente. Pelo contrário, na cultura midiática o leitor tem o poder de intervir, de interagir na anunciação, dando a sua opinião, discutindo. Isto faz com que todo leitor também seja um crítico, o que não se admitia na cultura livresca, pois aí se entendia que o papel de crítico só poderia ser exercido

pelos sujeitos da academia. Chartier (1999: 17-18), analisando as mudanças provocadas pela revolução eletrônica digital, aponta como uma dessas mudanças o fato de que

O papel do crítico é ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico. [...] Evidentemente as redes eletrônicas ampliam essa possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão constituído graças à rede.

É na perspectiva delineada até aqui sobre o universo que permeia as mídias digitais que analisaremos a partir desse ponto a produção poética dos poetas locais dos *blogs* **Pô & Cia** (rmibielli.blogspot.com.br), do autor Roberto Mibielli, **Sobre Silêncio e Outras Coisas...** (isabella-coutinho.blogspot.com.br), da autora Isabella Coutinho e **Eli Macuxi, Poesia Pura** (elimacuxi.blogspot.com.br), da autora Eli Macuxi. Vale ressaltar que a nossa análise consiste em identificar como o sujeito é representado nesta poesia, isto é, que identidade é construída e até que ponto esta identidade representa o sujeito roraimense e assim como ela dialoga com o processo de construção identitária da poesia roraimeira.

Os três *blogs* em análise apresentam muitos aspectos em comum. Todos foram fundados na primeira década desse século; todos têm como gênero textual a poesia; seus autores são locais e todos são professores universitários em Boa Vista-RR, sendo que Roberto Mibielli e Eli Macuxi não são roraimenses, escolheram Roraima para morar, mas são de outras regiões do país. Além das produções de cada *blog* serem de autoria própria, são individuais; há postagens frequentes de cada autor e todos se distanciam do ufanismo e exaltação da cultura local presentes no movimento Roraimeira. Aliás, enquanto o Roraimeira apresenta nitidamente a utopia da construção da identidade cultural roraimense, a produção poética desses *blogs* é fortemente marcada pela ausência de uma utopia. O que predomina é o eu e mais especificamente um eu introspectivo, que expressa seus sentimentos diante da vida e apresenta elementos da existência cotidiana. Sabemos que tudo isso é muito próprio do ambiente midiático. Em virtude desses *blogs* estarem inseridos no mesmo contexto histórico e ambiente de produção e difusão literária, e ainda apresentarem muita semelhança no processo de construção identitária, apesar de apresentarem estilos e peculiaridades próprios de cada autor, daremos ênfase em uma análise mais abrangente apenas do *blog* **Pô & Cia** por este ser o mais antigo.

3.2.1 *Blog Pô & Cia*

Como já anunciamos, o *blog* de Roberto Mibielli, o *Pô & Cia*, é o mais antigo entre os três *blogs* em análise. Ele foi iniciado em 2005. Este *blog* apresenta uma proposta de poesia não comportada, como o próprio autor explica na apresentação de seu *blog*: *“Este é um blog de poesia. Mas, como o título indica, não de poesia comportada e/ou confessional que existe pelaí... Nada temos contra esse tipo de poesia, mas queremos provocar o “Pô!?” nos que nos lêem* (PÔ & CIA, 2005). A genuinidade do título é confirmada por uma série de poemas de natureza erótica. Série esta que constitui a maior parte dos poemas do *blog*. Neste sentido, até os arranjos gráficos utilizados no *blog* sugerem essa tendência. O próprio papel de fundo do *blog* é constituído de uma imagem sedutora, uma espécie de tela de deusa grega em pose sensualmente erótica. Para discutirmos os traços identitários do sujeito representado nesta vertente poética do autor, vejamos a análise deste poema:

Mais algumas

Trabalho no teu corpo
com rabiscos
e riscos de fúria
uterina leveza
desta flor
em despetalamento

Trabalho no teu corpo
com o delírio da unha
com a língua em cunha
com paixão e desfalecimento

teu corpo diz coisas
de um jeito
que as palavras
não têm direito
de dizer.

Acima do bem e do mal
O Rio de Janeiro
Deságua em Fevereiro

É carnaval...

(MIBIELLI, postado em 31 de agosto de 2005)

Nota-se que o poema se articula a partir da aproximação com a sensualidade, à intimidade adquirida durante o ato sexual e o deslumbramento desse momento com a amada. Também há a utilização frequente da Sinestesia, o endeusamento do corpo da mulher no momento de entrega a seu amante nos versos “*uterina leveza / desta flor / em despetalamento*”.

Na estrofe “*trabalho no teu corpo / com o delírio da unha / com a língua em cunha / com paixão e desfalecimento*”, o eu poético prossegue na sua linha de raciocínio mostrando o encantamento do toque, da provocação do prazer que ocorre durante o momento íntimo.

Já a estrofe “*teu corpo diz coisas / de um jeito / que as palavras / não têm direito / de dizer*” demonstra claramente a linguagem do corpo, o prazer que o corpo da mulher é capaz de proporcionar no momento da entrega a seu amante. São sensações que seriam impossíveis de serem expressas pelas palavras. Daí as palavras se tornarem incapazes de interpretar o corpo no ato do coito.

Já nos últimos versos, “*acima do bem e do mal / o Rio de Janeiro / deságua em Fevereiro / é carnavaal...*”, é estabelecida uma relação entre o ato amoroso manifestado e o carnaval. Sabe-se que culturalmente a alegoria do carnaval em nosso país está associada também à libertinagem sexual proporcionada pelos encontros fugazes dos amantes, representada simbolicamente pela embriaguez, nudez, permissividade, contato com pessoas diferentes, dentre outros; constituindo grande liberação de emoções. Daí o sujeito construído nesse poema colocar o seu ato libidinoso acima do bem e do mal, pois o carnaval representa muito bem a liberação do erotismo entre amantes. É o que se chama popularmente “libera geral”.

Vê-se que o sujeito construído neste poema distancia-se em todos os aspectos do sujeito construído na poesia do Roraimeira. No movimento Roraimeira, tanto na música como na poesia, também é enfatizada a questão da sensualidade ou erotismo do sujeito representado, mas naquele movimento as cenas retratadas se dão em função de comporem o conjunto de elementos que constitui a identidade cultural do homem local. Assim, o erotismo humano se integra à natureza, aliás, é a própria natureza que provoca esse erotismo. Portanto, a sensualidade do homem está associada ao ambiente natural, própria de um homem *in natura*. Desta forma,

se trata de um erotismo sem pecado, um erotismo que completa a paisagem natural, como podemos perceber nestes trechos de duas obras importantes do Roraimeira.

[...]

e em tua forma bela e selvagem

[...]

nos seus versos inerentes ao amor
aves rufam num arribe musical, musical
os teus seios grandes serras,

[...]

(Roraimeira, de ZECA PRETO)

[...]

Boa Vista no céu, lua cheia de mel

[...]

um boto cantando no rio
beijo de caboco no cio
[...]

(Makunaimando, de ZECA PRETO e NEUBER UCHÔA)

Tanto nos versos selecionados do poema musicado Roraimeira como da música Makunaimando a sensualidade está presente na própria natureza. Esta sensualidade se estende ao homem porque ele está integrado à natureza, ele faz parte dessa natureza, que assume um aspecto quase paradisíaco. Daí ser uma sensualidade sem malícia, sem pecado, uma sensualidade natural. Já dissemos em análise anterior que no verso “*e em tua forma bela e selvagem*” o belo e o selvagem desse poema se referem tanto à natureza como à mulher indígena, portanto sugerindo uma sensualidade tanto da natureza como da mulher, assim como em “*os teus seios grandes serras*”. Também neste trecho “*nos seus versos inerentes ao amor / aves rufam num arribe musical, musical*” o amor toma conta de toda a natureza, dos animais e, é claro, do homem também, que faz parte dessa natureza.

Podemos interpretar os versos selecionados da música Makunaimando dentro desses mesmos parâmetros. Em “*Boa Vista no céu, lua cheia de mel*” pode-se notar que o verso sugere que a lua do céu de Boa Vista é cheia de mel, uma referência

que se aplica ao período nupcial de um casal quando contrai matrimônio, o qual chamamos popularmente de lua de mel. Logo, o verso sugere que em Boa Vista o amor está no ar, está na natureza. Por isso, inevitavelmente, a sensualidade se manifesta, sensualidade essa despertada pela própria natureza, aí representada pela lua, que é cheia de mel. É o que podemos perceber também nestes versos: “*um boto cantando no rio / beijo de caboco no cio*”. Quer dizer que o boto, com seu canto, que é uma figura mitológica das lendas indígenas da Amazônia, desperta a sensualidade ou erotismo do homem indígena. Ou seja, toda a sensualidade ou erotismo do homem local representado nesta produção poética é uma extensão da própria natureza; é assim uma espécie de presente da natureza, o que contribui para marcar uma perfeita integração desse homem com essa natureza.

Ao contrário do Roraimeira, o conjunto de poemas de natureza sensual ou erótica do *blog Pô & Cia* apresenta, por meio do eu poético, um sujeito que se sente livre para realizar seus desejos sexuais. Livre porque não se submete aos preceitos de nenhuma doutrina religiosa ou a valores cristãos e morais, o que evita criar conflitos espirituais, como o fez o poeta barroco, por exemplo. Longe disso, não sente culpa dos seus atos amorosos, embora reconheça que há regras impostas pela sociedade, como bem expressa este trecho do poema “*processo*”.

Não me entenda mal
Eu sou normal
A norma é que é
Idiota

[...]

(MIBIELLI, postado em 24 de setembro de 2009)

E sua rebeldia contra as normas estabelecidas pela sociedade continua, agora atacando o matrimônio, como bem expressam estes versos do poema “*Entalhe*”:

Para que viver
um grande amor,
Este prato imundo
Onde se come sempre
A mesma comida?

[...]

Não, prefiro a solidão
Que me é natural.
Prefiro o carnaval
Da cara desconhecida
Deliciando-se da ferida
Deixada pela vampira anterior
Prefiro a dor
De me sentir contente
Só pra não ter gente
De verdade me dizendo
Como é lindo não
conseguir dizer o que sente
Prefiro o vazio
De ser sugado
Até o último detalhe

E o entalhe
Na parede
Pra não perder
A conta.

[...]

(MIBIELLI, postado em 24 de setembro de 2009)

Vê-se aqui que, além da negação à fidelidade amorosa, portanto, ao matrimônio, o eu poético externa o seu estado de solitário, de ser vazio. Mas prefere a variedade de parceiros sexuais, usar e ser usado nas relações amorosas, a submeter-se às normas morais estabelecidas para as relações conjugais na sociedade. Este mesmo princípio de variedade de parceiros sexuais também está presente no poema “*Pra contrabalançar*”, como podemos constatar nestas estrofes:

Tenho medo das coisas
Que não fingi
Tenho medo dos orgasmos
que tive
das inconstantes
carnes de verão
que misturei
em minha própria carne
depois esqueci
secando ao sol

[...]

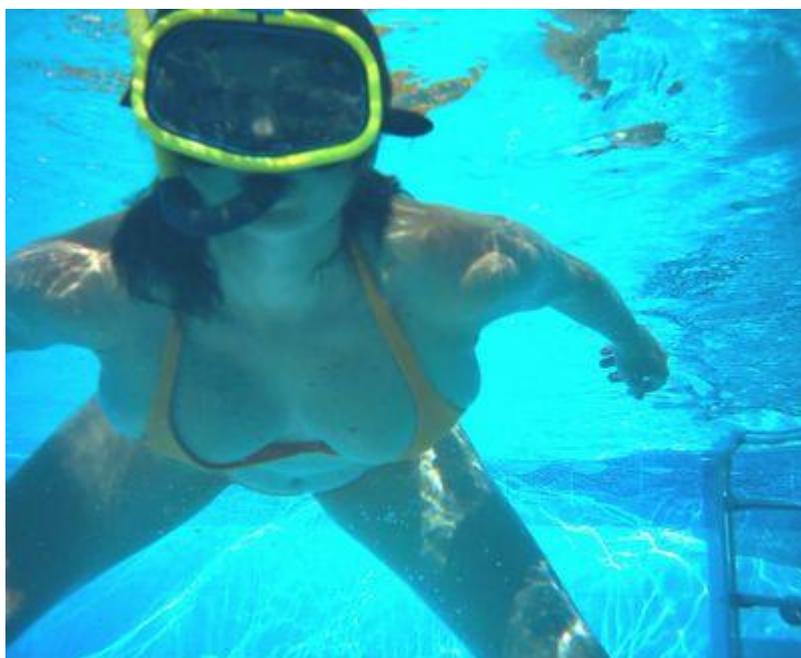
tenho medo das amantes
oh meu deus
como tenho medo delas

que amam efetivamente
tudo que em mim
é tão fingido e agreste
ou tão potente e distante

[...]

(MIBIELLI, postado em 12 de novembro de 2005)

Para encerrar a temática do erotismo, apresentamos a seguir duas postagens do *blog* em estudo, que parecem sair dos limites do mero sensual e entrar no pornô, fazendo jus ao Pô da marca Pô & Cia.



O mergulho.

www.rmibielli.blogspot.com 

(MIBIELLI, postado em 1 de setembro de 2005)

Apenas intitulada de “mergulho”, a imagem anterior é muito sugestiva, principalmente quando publicada no ambiente do *blog* em análise. Ela abre uma seção de poemas do *blog* todos grafados sob imagem de sugestão pornográfica. Ela é a única que não apresenta poema grafado, mas a sua mensagem vai muito além de retratar apenas um simples mergulho. Na verdade, quer dar destaque à sensualidade feminina em estado pornográfico, pois a imagem não só mostra uma mulher em posição de sexo, como sugere que esta mulher está fazendo sexo oral.

É claro que se trata de uma pornografia muito sutil, tão sutil que chega a ser poético, como podemos perceber nesta outra imagem, agora com poema grafado.



www.rmibielli.blogspot.com 

(MIBIELLI, postado em 1 de setembro de 2005)

A riqueza engenhosa no uso das palavras parece esconder o que inevitavelmente podemos interpretar nesse poema ilustrado: o desejo que a figura provoca no homem e a descrição daquilo que ele gostaria de realizar, ou seja, o coito sexual.

Além do erotismo, outro tema recorrente nos poemas do *blog* é a velhice e a brevidade da vida. Neste caso, o eu poético não se conforma com a chegada da velhice e por isso tende desesperadamente aproveitar todo o tempo que ainda lhe resta para viver os seus vícios, como podemos constatar neste poema.

*Todo o tempo que me resta
já não presta
Vigia meus passos
destrói minhas lembranças
Há coisas perdidas*

*coisas achadas
que não tenho onde guardar
Tenho que ler o Drummond
de novo
E pensar na finitude dos dias
de Jorge Luis Borges
Tenho que frequentar os bordéis
da Paris cem anos antes
de ter nascido
Tenho que encontrar
para alguém
o tempo que perdeu
Tenho que viver meus vícios
E até coisas banais
Como entender o sentido
Da vida
tenho que fazer escondido
Pois o tempo que me resta
condena desperdícios*

(MIBIELLI, postado em 1 de novembro de 2005)

O eu poético tem consciência das condições que a velhice impõe ao ser humano. Por isso, lamenta a sua chegada e não quer perder tempo; pretende aproveitar toda energia que ainda lhe resta para continuar desfrutando da vida. Neste sentido, ao reconhecer a velhice como anúncio do fim dos dias, lista as coisas que ainda pretende fazer. Entre elas, ler Drummond novamente, indicando que a leitura desse escritor é uma das maravilhas da vida que desfrutou e foi tão bom que quer reviver. Refere-se à reflexão poética do grande escritor argentino Jorge Luis Borges sobre a finitude dos dias. Mas ao contrário desse escritor, que em sua reflexão sobre o final da vida lamenta uma série de coisas que deveria ter feito e não fez, deixa claro que fez tudo o que queria e o que deveria ter feito, só quer fazer mais vezes, como nos dá a entender estes versos: *Tenho que frequentar os bordéis / da Paris cem anos antes / de ter nascido*. Dá a entender que a persona do poema frequentou todos os bordéis existentes após seu nascimento. Alguém pode ter perdido tempo na vida, mas ele não. Daí o sentido deste verso: *Tenho que encontrar / para alguém / o tempo que perdeu*. Considera importante viver os vícios, mas acha uma banalidade pensar no sentido da vida, o que mais uma vez confirma que não se arrepende de nada que fez e não deixou nada para fazer, ou seja, fez tudo o que deveria ter feito.

Esta visão sobre a vida, sobretudo como se deve viver a vida ou encarar a vida, é também manifestada neste outro poema.

As pessoas precisam ser assim
Um pouco como Eu
Para que meu mundo
Possa existir
e possa haver razões
Ainda que equivocadas
E paixões avassaladas
Ou não

As pessoas precisam ser assim
Um pouco e muito erradas
como frutas cansadas
de estar no pé

As pessoas precisam ser assim
meio viciadas
muito apaixonadas
seja lá pelo que der e se for
elas precisam de amor
pra dar e vender
precisam viver
que a vida é pouca
e deve ser louca
ou internada

As pessoas precisam ser assim
Possuídas e expostas
Como respostas
A uma pergunta não feita
A gente é um pouco de quem deita?

As pessoas precisam ser assim
Misteriosas e sutis no gosto
Rescendendo a mosto
De uvas selecionadas
Precisam ser pisadas e reprisadas
Em câmara (*sic*) lenta e ousada

As pessoas precisam ser assim
Infinitas
Porque são odiosamente bonitas
Mesmo quando feias

As pessoas precisam ser assim
Um pouco como as vejo
Como incompletude solidão e desejo

Mas precisam ser imprecisamente como são
Porque Eu só existo nessa condição

(MIBIELLI, postado em 23 de dezembro de 2011)

A ideia é viver a vida intensamente porque ela é curta. Viver todos os prazeres possíveis, todas as paixões e amores possíveis, realizar todos os desejos, errar, driblar a solidão, viver loucamente. É interessante observar que o eu poético se coloca como o modelo desse tipo de vida. Aqui mais uma vez nada tem a ver com o sujeito representado na poesia do Roraimeira.

Outro foco importante da poética desse *blog* é a frequente manifestação de um sujeito fragmentado, como revelam os poemas seguintes.

Tenho muitas metades
Imaginadas Assim como
Tenho muitas vontades
Tramadas em narrativas
Ainda não iniciadas

Tenho iniciativas que
Não tomei no momento
Certo e uma incerteza
Voraz que me impede
De lamentar o que perdi
Ou o que nem tive ainda

Tenho uma vida que
Queria fossem muitas
Como as de um gato
Tristonho diante da lua
Ou como a rua indefesa
Diante do tráfico de
Olhares e desejos

Tenho muitas metades
Dispersas em calamidades
E abusos de autoridade
Ou autorias e tenho minhas
Vias respiratórias con (sic)
gestionadas pelos cheiros
dos prazeres e precauções

Tenho metades
Mas não tenho razões
para suspeitar de minhas
-----Integridades

(MIBIELLI, postado em 18 de junho de 2010)

Nota-se que a fragmentação anunciada desse poema dá-se pelos vários eu em que se divide o sujeito representado. Ele tem tantas metades quantas são as suas vontades. Consciente dessa fragmentação, o eu poético desejaria ter muitas vidas para poder viver todos os seus eu. Ele é tão fragmentado, que mesmo a sua integridade, que deveria representar a unidade do sujeito, não é una, são várias, como fica claro na expressão do último verso: “*minhas integridades*”.

Já neste outro poema, a fragmentação do sujeito dá-se por outro motivo.

Das cidades em que me vejo
Mais calvino,
Sinto os cheiros
De carícias ou de cenas
Desvairadas fantasias

Me tateio entre cores e demasias
Me abandono no intrincado dessas ruas
Busco esquina cujo bico
Empinado de arrepio
Corresponda ao vazio
Deste cio
Deste beco
Desta boca

A cidade que descrevo
Não é pouca
Tem andares de pessoas se querendo
Tem lugares de pessoas se buscando
Tem estátuas de razão estatelada
Tem espaço de paixão já cumulada
Tem ardores desta flor que ali viceja
Tem delícias de pensar a marginália
Tem um rio de janeiro até dezembro

Somos todos Ribeirinhos desse gozo
É por isso na cidade em que me abanco
Que o rio que banhamos é todo branco

(MIBIELLI, postado em 5 de novembro de 2011)

A fragmentação aqui é construída em função de o eu poético pertencer a duas cidades, que representam dois lugares muito diferentes, no caso Rio de Janeiro, no Sudeste, e Boa Vista em Roraima, no Norte do país, o que corresponde

no mínimo a duas identidades culturais. Estes lugares são identificados pelos versos que descrevem cada cidade, como estes, por exemplo: *“Tem um rio de janeiro até dezembro”*, em referência à cidade Rio de Janeiro e *“Que o rio que banhamos é todo branco”*, em alusão a Boa Vista, Roraima. Vale salientar também que a cidade com a maior quantidade de elementos descritos é a do Rio de Janeiro. Aí o eu poético dá ênfase às paixões, aos amores ou às fantasias libidinosas e associa tudo isso a determinado vazio, como indicam estes versos: *“Busco esquina cujo bico / Empinado de arrepio / Corresponda ao vazio / Deste cio / Deste beco / Desta boca”*.

Já em relação a Boa Vista, faz referência ao gozo de viver em uma cidade ribeirinha, uma cidade plácida pela beleza de seu rio, configurado nestes versos: *“Somos todos Ribeirinhos desse gozo / É por isso na cidade em que me abanco / Que o rio que banhamos é todo branco”*. Percebe-se também que para o eu poético não há nenhuma cidade mais sua do que a outra. É desta forma, que no início do poema ele diz *“Das cidades em que me vejo”* e no penúltimo verso diz *“É por isso na cidade em que me abanco”*, ou seja, em vez de “moro” diz “me vejo” e “me abanco”, como se a persona do poema não se apropriasse integralmente de sua nova realidade ou não se identificasse totalmente ao local. Isto indica que o eu poético tem um pé em Boa Vista e outro no Rio, é dividido identitariamente entre estes dois lugares, uma marca de fragmentação identitária.

Neste sentido, este poema poderia ser o que mais dialoga com a poesia do Roraimeira, que também reconhece um sujeito vindo de outras regiões do país, como já esclarecemos anteriormente; porém, o afastamento existente aqui é bem marcado, principalmente se comparado à primeira fase daquele movimento, já que na poesia roraimeira o homem migrante vem para ficar e adota Roraima como o seu lugar, não fica dividido lá e cá, expressa o sentimento de pertencimento, assume a cultura local como sua. Já nesta poesia midiática o sujeito se sente fragmentado principalmente por não se sentir pertencente exclusivamente a nenhum dos lugares, apesar de não negar nenhum deles.

Voltando à análise da poesia midiática desse autor, podemos dizer que o eu poético também marca a sua fragmentação identitária ao reconhecer a sua mistura racial e cultural, como faz neste poema:

Nossos cios
são cicios
Nossos ossos
são destroços
nossos rumos
são aprumos
nossas ganas
são insanas
nossos traços
são em laços
nossos medos
são enredos
nossa cura
é a mistura

(MIBIELLI, postado em 16 de maio de 2011)

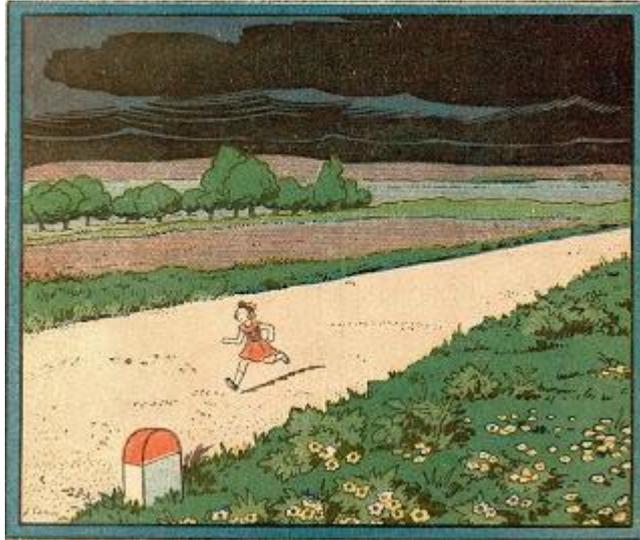
Neste sentido, devemos observar que todos os elementos que compõem a identidade do sujeito representado estão no plural, significando múltiplas identidades. Como já falamos acima, essas identidades múltiplas são resultantes da mistura racial e cultural em que o sujeito se encontra, como bem deixam claros estes versos: “*nossos traços / são em laços / [...] nossa cura / é a mistura*”, em que traços e laços significam nossa miscigenação racial e, conseqüentemente, mistura significa tanto a nossa miscigenação racial como a nossa pluralidade cultural.

Aqui o distanciamento em relação ao Roraimense se dá porque o poema não está representando o homem roraimense em si e sim o brasileiro em geral. Aliás, esse poema não traz qualquer elemento peculiar ao sujeito roraimense. Nem mesmo a expressão “cio” se refere ao homem roraimense porque na verdade ela marca a tendência libidinosa da poesia midiática desse autor. Sabemos que essa expressão é muito usada na poesia roraimense, mas neste movimento ela serve como uma forma de valorizar o caboclo, esse homem de origem indígena e que é genuinamente roraimense; logo ao denominar a sua libido de “cio” está associando este homem às suas origens de selvagem, ou seja, de índio. Ao contrário do emprego que foi dado no poema em análise.

3.2.2 *Blog Sobre Silêncio e Outras Coisas*

O *blog* da professora Isabella Coutinho, ***Sobre Silêncio e Outras Coisas***, foi criado em 2010. Esse *blog* faz jus a seu título, pois nele se percebe um silenciamento profundo do eu poético. Neste sentido, a própria autora não faz qualquer apresentação do seu *blog*, o que de início já sugere o silêncio. Nem mesmo o perfil da autora é apresentado. Contudo, se o eu poético da maioria dos poemas prima pelo seu próprio silêncio, se escondendo em segredos e mistérios, a poesia dessa autora em si fala expressivamente e revela um mundo existencial por meio da introspecção desse eu poético tão perspicaz. Trata-se de uma expressão essencialmente “poética” e tão leve quanto profunda.

É uma poesia que apresenta um sujeito que se afasta absolutamente do sujeito representado na poesia do Roraimeira. Longe de dar ênfase ao sujeito e aos elementos identitários locais como o fez o Roraimeira, é uma poesia do eu, do eu individual e intimista. Um eu que representa um sujeito sem qualquer utopia, um sujeito da incerteza, do vazio, da solidão, do silêncio. O silêncio do eu poético é tão proposital e profundo, que a autora utiliza alguns recursos para permitir que o leitor consiga visualizar ou interpretar esse sujeito representado por esse eu poético imerso nas profundezas do Ser. Assim é muito frequente a imagem do espelho em sua poesia refletindo esse sujeito escondido pelo silêncio. Cada poema também é complementado por uma imagem que funciona ainda como um espelho refletindo o universo do sujeito representado. O predomínio do silêncio faz com que as características principais dessa poesia sejam o nada, o vazio, o silêncio adotado por este sujeito. É o que podemos perceber neste poema da autora.



(sem referência)

o caminho que traz a esta rua é muito mais longo
que imaginas
e todos os atalhos que eu porventura
queira tomar
estarão cheios do esquecimento
que a solidão traz consigo
os olhos desta rua enxergam muito mais longe
que uma vã doutrina
cada esquina é
a sábia sentença
a desconfiança
é o espelho do mar que afunda:
gasto segundos a perceber isto
e uma eternidade para seguir adiante

(COUTINHO, postado em junho de 2011)

Um dos recursos mais expressivos da poesia dessa autora é a metáfora. Verificamos nesse poema que a rua funciona como uma metáfora da própria vida do eu poético, uma vida com grande trajetória. Mas uma trajetória de vida sombria, marcada pela solidão, pela incerteza, pela desesperança, um mar de angústias. Assim como a imagem localizada fora do poema mostra uma criança correndo solitariamente e completamente desolada, em um mundo eternamente vazio, a imagem refletida no espelho dentro do poema mostra uma vida afundando num abismo quase sem volta metaforizada aí pelo mar. Daí, o eu poético necessitar de uma eternidade para seguir adiante.

Esta mesma falta de utopia diante da vida, é percebida neste outro poema, em que expressa grande pessimismo diante do mundo e, é claro, da vida também.



(sem referência)

e então
num passe de mágica
as palavras se fizeram
espelho da minha vida
refletindo no instante
a exatidão de todos os sentidos
e o resto das fagulhas
que crepitam nos meus olhos
atearam fogo no cosmos
incendiando a languidez do mundo
simples e rapidamente
como esta poesia brusca
feita de fogo e silêncio

(COUTINHO, postado em maio de 2010)

O poema sugere um sujeito que se considera sem qualquer perspectiva na vida. Esse pessimismo também perpassa o mundo, que além de se encontrar em estado de languidez, é incendiado pelo fogo que queima a existência interior desse sujeito. Não é possível percebermos a exatidão de todos os sentidos da vida desse sujeito representado porque como os próprios versos finais do poema deixam claro predomina o silêncio do eu poético, mas analisando o jogo como este poema foi montado, percebemos que é a figura do espelho que revela a triste e sombria vida

desse sujeito. Estes versos do poema mostram o papel do espelho: “*as palavras se fizeram / espelho da minha vida*”, ou seja, o eu poético não revela as clausuras de sua vida, mas como o próprio poema diz, as suas palavras se fizeram o espelho de sua vida e estas palavras indicam um mundo melancólico, lânguido, um sujeito cuja vida se arde tanto em fogo metaforicamente falando, como as fagulhas de fogo dessa vida incendeiam todo cosmos. Daí se tratar de uma poesia brusca feita de fogo e silêncio, como também é configurado pela imagem que acompanha o poema em questão, uma imagem obscura, cheia de mistério e simbolismo.

Finalmente, queremos destacar mais outro aspecto do sujeito representado na poesia desse *blog*. Trata-se da fragmentação do sujeito, como fica evidenciado neste poema.



(sem referência)

a água do rio me tornou doce
firme nas ideias
pés – raízes plantadas no chão

a água me empurra e me dissolve
assim como a água
sou toda líquida
e trago em mim cardumes
de pensamentos inacessíveis

mas um terço do que sou
tem o sabor do sal
e as profundezas

do que não vejo
nem compreendo
pertencem a uma parte de mim
assim
abissal

(COUTINHO, postado em junho de 2013)

Além de ser um eu profundo na introspecção, solitário fixado em um mundo vazio, como bem pode ser representado pela imagem que acompanha o poema, temos aqui um eu representando um sujeito fragmentado. A própria água do rio é metáfora dessa fragmentação, pois além dessa água dissolver o eu poético, ela significa que a cada momento o eu não é mais o mesmo, pois a água do rio está em constante ciclo de inovação. Outro elemento de fragmentação do sujeito está associado às imagens no interior do poema: “cardumes / de pensamento”, “um terço do que sou”, “uma parte de mim / assim / abissal”

3.2.3 Blog *Eli Macuxi, Poesia Pura*

O blog ***Eli Macuxi, Poesia Pura*** apresenta uma proposta de jogar com as palavras e com o seu leitor, como a própria autora declara: “De todos os brinquedos que a vida me deu, o que mais me cativou foi o de jogar com as palavras. O jogo se faz completo quando escrevo e alguém replica, quando replico o que escrevem...” (MACUXI, 2008). O blog foi criado em 2008. Dos três blogs analisados este é o mais eclético, apresentando uma maior variedade de temas abordados nos poemas. Há o predomínio da subjetividade do eu poético introspectivo dentro da lógica da cibercultura. São abordadas muitas temáticas. Entre elas, nostalgia, que se divide nas lembranças da infância e na saudade do lugar de origem; elementos da vida cotidiana, problematização do mundo, amores e sexo (às vezes frustrados, outras vezes bem realizados e outras vezes fugazes), denúncia de algumas situações desfavoráveis à mulher moderna, crítica à hipocrisia e profanação das comemorações religiosas, como natal; bandeira de combate ao preconceito,

inclusive contra os homossexuais; destaque à miscigenação racial do homem brasileiro.

Como o nosso trabalho se interessa pelo diálogo da literatura midiática local com o Roraima, analisaremos a seguir três poemas dessa autora que mais se aproximam do movimento Roraima.

Em Manaus

Volto à cidade velha.
Boca fétida da floresta.
Banguela boca que me sorri à espera
bafejando fumaça das queimadas e carros.

Volto para mirá-la melhor
Hipnotizada como a fera pelo caçador.
Ela me caça.

Manaus querida e praguejada:
flor de horror, sob o sol forjada
corpo sujo que me abraça
meu doce amor e desgraça.

(MACUXI, postado em junho de 2009)

Marcado pela subjetividade do eu poético, o poema constrói Manaus como lugar que marcou a vida desse sujeito representado por este eu poético. Porém, sem o ufanismo próprio da poesia roraima, aqui o eu poético externa paixão e amarguras pelo lugar que tanto lhe fascina. Outro fato curioso é que o eu poético reconhece o seu pertencimento ao lugar retratado, mas se trata de um pertencimento do passado e não da atualidade. Na atualidade esse eu poético apenas volta ao lugar que marcou a sua vida com coisas boas e ruins, e assim revive o seu passado por meio das lembranças afloradas pela visita realizada. É apenas um saudosismo de um lugar deixou marcas identitárias cuja identidade não pode ser negada, nem apagada, embora não pertença mais nem queira pertencer a este lugar. Portanto, o processo de construção identitária aqui se diferencia do Roraima por dois motivos principais. Primeiro, porque em vez de ufanismo, adota-se uma postura crítica, que possibilita selecionar o que é bom e o que é ruim nessas marcas identitárias do passado. Depois porque além do lugar retratado não ser Roraima, o eu poético não identifica mais esse lugar como seu ao passo que no Roraima o sentimento de pertencimento é bem marcante.

Este outro poema também mostra o convívio do eu poético com marcas identitárias do passado:

O meu dia dos pais

Hoje é dia dos pais e eu, planta brotada, amanheci imersa em imagens, pensando e repensando o que sou...

Vi minha mãe,
no distante oitenta e dois...
era um março? abril? era julho?
no meio da sala da avó
chorava a ida do pai
tupi de quem herdei o orgulho
perdida raiz do que sou.

(MACUXI, postado em junho de 2013)

Aqui também o sujeito representado pelo eu poético reconhece suas raízes identitárias, neste caso indígena, mas também não se sente mais pertencente a essa cultura, embora se orgulhe dela. Sua herança indígena é uma raiz identitária perdida no passado, que só aflora por meio das lembranças, ou seja, da memória.

Se, nos poemas anteriores, o sujeito representado externa um sentimento de raízes identitárias perdidas no passado, no próximo poema, ela ganha e reconhece outra identidade.



(sem referência)

Ave Roraima

Ave Roraima que canta

feito pássaro mítico.
No peito de quem se encanta
por seus líricos fascínios
correm rios, cores quentes
queimam lavrados ardentes
choram guaribas no cio.
Mesmo quem vem do asfalto
Do barulho e da poeira
Quando vê, é roraimeira
Pretoneuberliakin...
Ave Roraima que canta
Amor que chega e suplanta
Todos os males em mim!

(MACUXI, postado em junho de 2013)

Aqui se poderia dizer um poema roraimeira, pois adota fielmente o processo de construção identitária daquele movimento. Exalta a natureza do lugar, constrói esse lugar como algo encantador e maravilhoso, um lugar *in natura* em oposição aos outros estados do país, que são acirradamente urbanizados, modificados pelo homem. Os elementos identitários elencados, como a beleza da flora, da fauna e das águas, assim como a cultura, aí representada pelo próprio Roraimeira e seu trio mais famoso, “*Pretoneuberliakin...*” são tão encantadores, segundo o poema, que inevitavelmente, mesmo para aqueles que veem de outras regiões do país, é impossível não se apaixonar, é impossível não desenvolver o sentimento de pertencimento. Isto tudo é tão forte, que o amor que o sujeito desenvolve pelo lugar é capaz de suplantar todos os males que este sujeito traz na sua alma dos seus lugares de origem.

Agora vale ressaltar que a poesia do *blog* dessa autora está longe, muito longe de representar uma filiação ao Roraimeira. Na verdade o poema acima é o único do *blog* construído à moda roraimeira. Então funciona mais como uma homenagem a Roraima e aos poetas do Roraimeira do que como um projeto de construção identitária do sujeito roraimense. Outra prova de que se trata apenas de uma homenagem a Roraima é a própria escolha da imagem do monumento aos garimpeiros, que é um dos principais símbolos roraimenses.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das amostras dos poemas analisados dos três autores e conforme leitura criteriosa feita de cada poema dos *blogs* em estudo, podemos tecer agora algumas conclusões gerais sobre a poesia midiática analisada nos três *blogs* mencionados.

Os três *blogs* analisados, como já anunciamos anteriormente, estão não só ambientados, mas também adaptados e apropriados à cultura midiática cibernética, essa forma recente de construto identitário do homem contemporâneo. Neste sentido, Elias (2008: 160) diz que

O sujeito é constituído por um Eu, um Eu que se constitui com a experiência do próprio sujeito. O Eu caracteriza o sujeito, é a sua totalidade, a soma das suas características mais individuais. O sujeito *prima* sempre por ser dotado de individualidade, por ter consciência própria, por construir uma identidade, um Ego pessoal. O sujeito constrói o seu Eu, a sua imagem de si próprio, a sua *imago*, a sua identidade, sempre em confronto com o Outro, com a alteridade.

Este prisma defendido por Elias para a construção identitária do sujeito contemporâneo, desses tempos de cibercultura, é facilmente reconhecido nos *blogs* analisados.

Outro aspecto importante percebido na poesia destes *blogs* é a instabilidade identitária do sujeito. Instabilidade esta provocada pelo próprio processo de fragmentação identitária em que este sujeito se encontra devido muitas vezes ao fenômeno da globalização, que tanto mobiliza o sujeito como o coloca em um processo constante de interação intercultural. Este fenômeno é bem marcante principalmente nos *blogs* de Mibielli e de Eli Macuxi, sobretudo quando eles hesitam em escolher o seu lugar de pertencimento identitário. A este respeito, Elias (2008: 168) deixa claro que

No ciberespaço ocorre um enfraquecimento dos limites do sujeito, não se trata de assegurar a identidade, de a fixar, mas nomeadamente de trazer insegurança ao sujeito, considerando as relações e os processos mutacionais que o constituem.

Longe de fixar a identidade, o que vimos nos três *blogs* foi uma constante fragmentação do sujeito, fragmentação esta revelada por vários processos de representação do sujeito. Analisando esta característica da fragmentação do sujeito nos ciberespaços, Elias (2008: 172) explica que

Há simplesmente um Eu fragmentado, a sua identidade revela-se cada vez mais como uma construção heteróclita, revelando-se como algo pouco coeso, como um nó, um ponto de confluência de características, um “ponto nodal” (GIBSON, 1998); um ponto de intersecção como os das redes de informação. Assim assumem-se personalidades cada vez mais flexíveis, estabelecem-se “links” de identidade, associam-se factores.

Este autor ainda deixa claro que o sujeito contemporâneo se mostra ao mundo como um sujeito enigmático. Segundo o pensamento do autor, isto ocorre precisamente por este sujeito se perder na subjetividade, já que esta é a sua condição. Todos os *blogs* analisados se enquadram perfeitamente nesta condição, mas o *blog* da Isabelle Coutinho apresenta uma poesia essencialmente enigmática e subjetiva. Ocorre que nestes tempos de globalização a subjetividade e a identidade do sujeito contemporâneo sofrem interferências constantes das mídias quando estas visam construir e modelar as identidades, propondo-a em formatos diversos. Neste sentido, é muito compreensivo que a poesia midiática dos *blogs* dos escritores locais analisados se afaste drasticamente dos moldes de representação identitária do movimento Roraimeira.

O estudo realizado neste trabalho sobre a poesia do movimento Roraimeira e a poesia midiática de *blogs* de escritores locais demonstrou que tanto a literatura em sua forma tradicional, representada pelo Roraimeira, como a literatura midiática, representada pelos *blogs* analisados, constituem, entre outras coisas, um construto identitário do sujeito, isto é, representam o sujeito de alguma forma.

Já vimos que na poesia do Roraimeira há um propósito, inclusive consciente, de representar o homem roraimense, o homem local, portanto. Enquanto que na poesia dos *blogs* locais há uma representação mais universal do sujeito, ou seja, trata-se de uma literatura que representa o sujeito em sua existência ampla, construindo uma representação do homem no seu tempo, no seu mundo e não exclusivamente no seu lugar, como pretendeu o Roraimeira.

Desta forma, podemos dizer que a literatura organiza os seus processos de construção identitária e opera esses processos conforme a natureza de seus projetos identitários.

Neste contexto, verificou-se que no Roraimense, para construir a identidade do sujeito local, ou do homem roraimense, lançou-se mão de elementos como, por exemplo, o ufanismo e a exaltação, sobretudo à natureza; o primitivismo, buscando as raízes da cultura nativa, do homem caboclo; a pluralidade cultural, para acomodar ou integrar o homem migrante no universo desse lugar tão povoado por pessoas vindas de todo o Brasil e exterior. Tudo isso para desenvolver o sentimento de pertencimento do homem roraimense a este lugar. Assim, todos os elementos de representatividade convergem para a construção da identidade do homem local, isto é, do roraimense.

Por outro lado, a literatura midiática dos *blogs* analisados vale-se de outros elementos. Dá-se ênfase à dor, à angústia, à solidão, ao vazio existencial, à incerteza quanto ao presente e ao futuro, à fugacidade da vida, à fragmentação identitária do indivíduo, ao prazer descomprometido, sobretudo, o sexual. Tudo no sentido de representar o sujeito contemporâneo, o homem do nosso tempo em seu estado de ser, sentir e estar no mundo.

Diante desses fatos, pode-se dizer também que tanto a poesia roraimense como a poesia midiática analisadas se valem não só de elementos identitários, mas também de instrumentos de expressividade para divulgar e reforçar essa construção identitária. Assim, enquanto o Roraimense se valeu de todas as formas para expressar a cultura representada, como a própria poesia, a música, a dança e as artes plásticas, a literatura midiática, além da poesia em si, se vale das artes gráficas, das cores e outros arranjos virtuais, como a participação e intervenção direta do leitor por meio do registro de sua opinião, o que amplia o processo de interação e inter-relação entre os sujeitos.

Todos esses elementos e instrumentos a que nos referimos acima são mecanismos de representação simbólica do sujeito, que os poetas utilizam, consciente ou inconscientemente, para construir as identidades dos sujeitos representados. Neste sentido, Lévy (2011: 21) nos diz que

A representação simbólica das categorias que organizam nossa experiência possibilita uma dimensão de flexibilidade desconhecida dos animais: podemos representar a nós mesmos nos nossos próprios processos cognitivos, reconhecer nossas ignorâncias e nos questionarmos. Podemos incluir também os processos cognitivos dos outros, imaginarmos suas subjetividades, negociar o sentido de situações comuns e nos entendermos sobre os padrões de raciocínio e interpretação. Somos possíveis de diálogo.

Os acontecimentos literários são marcados pelas necessidades dos homens em representar o seu tempo, o seu espaço, a sua existência. Assim é que podemos compreender que o Roraimense, em sua primeira fase, situada nas décadas de 80 e 90, é nitidamente comprometido com o contexto histórico de formação do estado de Roraima, pois este surge no momento em que Roraima deixa de ser um território federal e passa a ser um estado da federação. Então toda a arte roraimense traduz a necessidade desse homem roraimense construir sua verdadeira identidade e, assim, os poetas desse movimento captam incessantemente em seus poemas os elementos que contribuem para a definição ou formação dessa identidade. Fato este que leva um dos participantes do movimento a comparar alguns aspectos deste com a proposta literária do modernismo artístico brasileiro ocorrido no início do século XX, momento em que a arte brasileira rompe definitivamente com a estética europeia e marca uma fase avançada e definitiva de independência cultural.

Já a poesia midiática analisada dos *blogs* locais representa uma atualização da estética literária; ela é própria da estética cibernética, da cultura do ciberespaço. Portanto, está atenta às nuances da vida contemporânea, do estar no mundo agora; representa a necessidade de captar os elementos que contribuem para representar o homem, a vida e o mundo desse momento histórico que estamos vivendo. É uma poesia que constitui narrativas da vida do homem moderno. Daí ela retratar o homem em si de forma mais abrangente, mais questionadora e, para isto, centrar-se no eu introspectivo. Neste sentido, Lévy (2011: 22) nos lembra de que a

Nossa capacidade narrativa nos permite produzir e receber modelos espaço temporais complexos dos acontecimentos, narrativas nas quais os atores (sujeitos gramaticais) estão sujeitos a diversas transformações (verbais) dos sujeitos em um entrecruzamento complexo de sequências causais e de citações em cascata. Todos nós produzimos narrativas diferentes de nossas vidas e dos diferentes ambientes em que ocorrem, mas o poder narrativo é universal nos seres humanos.

Por todos os aspectos aqui analisados, conclui-se, ainda, que a poesia midiática, apesar de ser produzida e difundida no mundo virtual, e, portanto ser uma poesia virtual, é extremamente humanizada. O fato de os poetas associarem recursos eletrônicos em seus poemas, recursos estes próprios da literatura midiática, como cores, imagens, gráficos, réplica do leitor, principalmente como meios de expressividade, não ofusca a emoção, nem o sentimento humano, pelo contrário, os intensifica.

Lévy (2011: 25) reconhece a existência e o poder do hipercórtex eletrônico, mas ao criticar o entendimento de alguns autores de que a cibercultura produzida e difundida nos ciberespaços tende a ser mecânica ou automatizada pelas máquinas, dada a sua inteligência virtual ou cérebro eletrônico, o autor diz que

O Hipercórtex que está chegando é tecnocultural e sócio-semântico. Ele não tem existência alguma separado da sua ligação com o Córtex biológico. Certamente a produção e a interpretação dos dados serão ampliadas pelas máquinas de automação dos símbolos, programadas elas mesmas por máquinas físicas.

Contudo, serão os seres humanos vivos – animados por sua própria experiência fenomênica e dirigidos por pensamentos discursivos plenos de emoções – que lerão, escreverão e programarão, que expressarão e interpretarão as mensagens de seus congêneres, que tecerão coletivamente o universo virtual multimídia da cultura e os territórios espaço-temporais da natureza.

Longe dessa automatização, verificou-se que na poesia midiática analisada há uma verdadeira interação e inter-relação humana entre os autores e seus leitores. Muitos leitores comentam os poemas lidos, destacando a beleza de sua composição e principalmente identificando-se com a realidade captada nessa poesia. São interações perfeitamente interpretativas e construtivas da representatividade do sujeito contemporâneo expresso nos poemas. Interações essas tão constituídas de emoções, que muitas vezes tanto leitores como autores acabam travando um diálogo por meio da criação de novos poemas.

5. REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. **A construção do corpus**: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Ed. Porto, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes, São Paulo: UNESP, 1999.

COUTINHO, Isabella. **Sobre silêncio e outras coisas**, 2013. Disponível em: <http://isabellacoutinho.blogspot.com.br>. Acessado de novembro de 2013 a abril de 2014.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. **Sobre o conceito de região**. Revista de História Regional 5(2): 39-56. Inverno 2000, disponível em www.revistas2.uepg.br/index.php, acesso 12 de julho de 2011.

DANTAS, Daniel. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital**: um estudo sobre o *Blog* "Fatos e Dados". Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2012. Disponível em www.petrobras.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId, acesso 15 de outubro de 2013.

ELIAS, Herlander. **Neon digital**: um discurso sobre os ciberespaços. E-Books, Depósito Legal: 272501/08, ISBN: 978-972-8790-90-5, Livros LabCom, 2008, disponível em <http://blogmidia8.com/biblioteca-virtual-html>, acesso 15 de março de 2014.

FERREIRA Felipe Luiz. **Acepções recentes sobre o conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, pp.65-83, jul/dez, 2000. Disponível em http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf, acesso em 08-10-2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOMES, Alex Sandro *et al.* **Colaboração, comunicação e aprendizagem em rede social educativa.** In: XAVIER, Antonio Carlos & LÉVY Pierre *et al.* **Hipertexto & cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais.** São Paulo: Respel, 2011.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** (Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler). São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **Cibercultura.** Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 4 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

_____. **Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente.** Tradução de Antonio Carlos Xavier. In: XAVIER, Antonio Carlos & LÉVY Pierre *et al.* **Hipertexto & cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais.** São Paulo: Respel, 2011.

LOBO, Luiza. **Leitor.** In: JOBIM José Luís (org.). **Palavra da crítica.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

LUCAS, Fábio. **Literatura e comunicação na era da eletrônica.** São Paulo, Cortez: 2001. – (Coleção Questões da Nossa Época: v. 81)

MACUXI, Eli. **Eli Macuxi, Poesia Pura,** 2013. Disponível em: <http://elimacuxi.blogspot.com.br>. Acessado de novembro de 2013 a abril de 2014.

MATHEUS, Gordon. **Cultura Global e Identidade Individual.** São Paulo: EDUSC, 2002.

MIBIELLI, Roberto. **PÔ & CIA,** 2013. Disponível em: <http://rmibielli.blogspot.com.br>. Acessado de novembro de 2013 a abril de 2014.

MORIN, Edgar. **A noção de sujeito.** In: Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. SCHNITMAN, Dora Fried (org.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro de. **Identidade e Poesia Musicada: panorama do Movimento Roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das fontes de inspiração.** Revista Acta Geográfica, Boa Vista, ano III, nº6, p.27-37, jul./dez. de 2009.

PRETO, Zeca. **Beiral.** Boa Vista: edição do autor, 1987. (Lei 7.505 de Incentivo à Cultura)

_____. **Roraimeira.** Disponível em <http://www.vagalume.com.br/zeca-preto/roraimeira.html#ixzz2zoXXpNXa>, acesso em 10 de dezembro de 2012.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais.** Lisboa: Gradiva, 1992.

- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- RODRIGUES, Dinamara Garcia. **Uma profecia de Roland Barthes – literatura e novas tecnologias**: a modernidade lida pela pós-modernidade IN: JOBIM, José Luís (org.). **Literatura & informática**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 205.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SANTOS, Manoel Gomes dos, *et all.* **Diálogos entre culturas. Projeto Comunidades de Leitura**. Projeto de extensão. Versão aprovada pelo Proext Mec - 2010.CENCEL/UFRR/PROEXT-SESU. MEC.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** (Tradução de Carlos Felipe Moisés), São Paulo: Ática, 1989.
- SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de & COSTA, Marcos Aurélio Borges. **Comunicação, Linguagem e Identidade**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.
- TRUIZ, Marcelo. **Literatura Midiática**. Seminário Vozes da Literatura, 09 de dezembro de 2011. Disponível em www.slideshare.net/angelamariagomes/literatura-miditica, acesso em 10 de dezembro de 2012.
- WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- XAVIER, Antonio Carlos. **A Retórica digital das redes sociais**. IN: XAVIER, Antonio Carlos & LÉVY Pierre *et al.* **Hipertexto & cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.